N.º 313 — 14.º ano

1-JANEIRO-1939

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-JANEIRO-1939
N.º 318 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

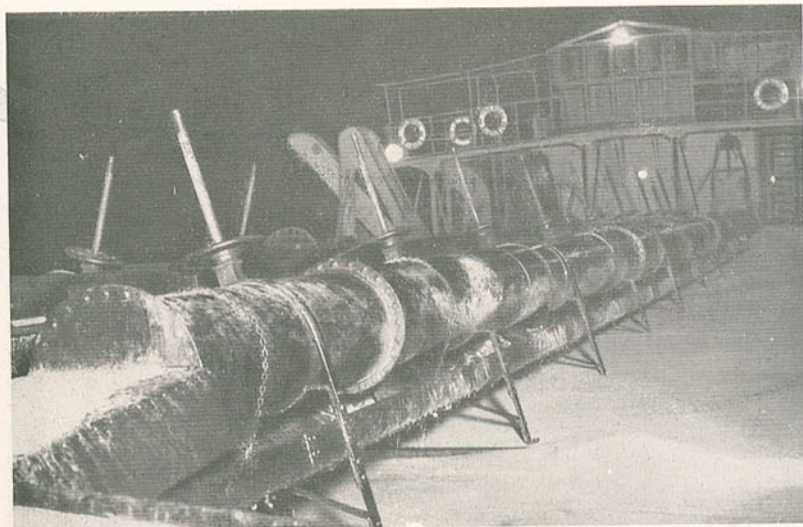
Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

Aos nossos queridos leitores, colaboradores e anunciantes

Entrando no seu 14.º ano de existência, a Ilustração *deseja a todos os que tão gentil e generosamente a têm auxiliado na dura senda das coisas impressas, um novo ano cheio de prosperidades*

ACTUALIDADES DA QUINZENA

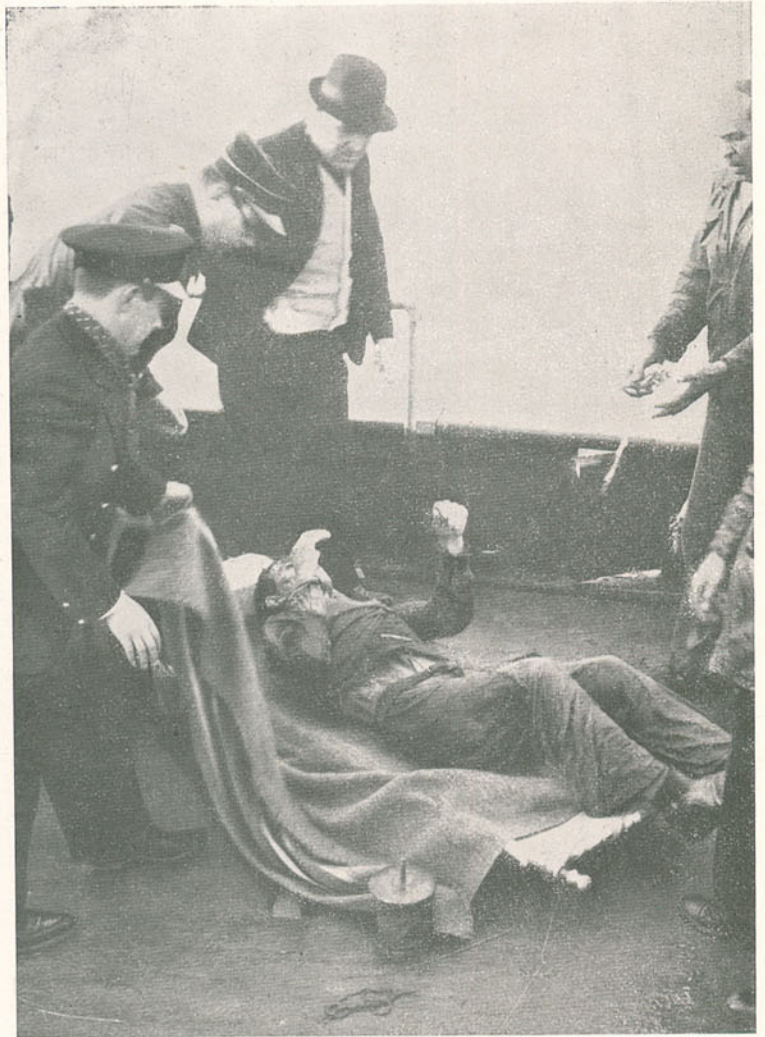
Em cima, à esquerda: Dôr que se manifesta em tôda a sua amargura no rosto dessas pobres mulheres que o naufrágio da lancha "Tonecas", ocorrido há dias no Tejo, cobriu de luto. — *A direita:* O sr. ministro do Interior acompanhando o funeral das vítimas do naufrágio. — *Ao centro:* Um aspecto do funeral, vendo-se os alunos do Seminário de Almada encorporados no cortejo fúnebre. — *Em baixo:* Um trecho da assistência às exéquias por alma do marechal Gomes da Costa, na igreja de S. Domingos, no dia do aniversário da morte do saüdoso cabo de guerra.

O NAUFRÁGIO DO «TONECAS»

À esquerda: A draga «Finalmarina» atracada ao cais após a catástrofe do afundamento da lancha «Tonecas». *À direita:* A lancha a motor «Tonecas» que a draga «Finalmarina» despedaçou e meteu no fundo, causando quatro mortos e nove passageiros desaparecidos

O sr. general Amilcar Mota visitando os feridos, em representação do Chefe do Estado. — *À direita:* A família de Luiza Nunes Ferreira visitando a náufraga no hospital de S. José. A expressão da jóvem dá bem a ideia da pavorosa catástrofe de que tão dificilmente se salvou

Os «salvados» que recolheram na Polícia Marítima, vendo-se à esquerda o mestre do rebocador «Atro» que tomou parte nos trabalhos de recolha de náufragos. — Mais «salvados» amontoados na Polícia Marítima — o pouco que muiito diz dessa desgraça emocionante

A CATÁSTROFE DO «TONECAS»

O cadáver do desventurado António Germano na posição em que foi encontrado: uma mão no leme, outra no telégrafo. Nas costas vê-se a correia da mala do dinheiro. — *À direita:* O cadáver na sua rigidez emocionante. — *Em baixo:* Um aspecto do pôvo que, de terra, seguia os trabalhos dos rebocadores para levantamento da lancha «Tonecas» metida no fundo pela draga «Finalmarina».

UMA MULHER QUE SOUBE AMAR

Conheci esta mulher. Um dia, no deambular da minha vida artística pelo mundo, encontrei-a.

Achei-a diferente das outras. Tinha no olhar como que diluidos todos os tormentos que podem alancear um coração humano.

Na sua atitude havia um não sei quê de misterioso.

Falava pouco com as pessoas que se lhe chegavam ao pé, nunca falava de si e nunca a vi sorrir francamente.

Apenas esboçava um sorriso forçado, um sorriso de etiqueta para não passar por incivil junto daqueles que a cumulavam de gentilezas.

Porque agradava a tôda a gente, esta mulher.

Os homens sentiam por ela uma atracção especial, não porque ela os envolvesse em garridice ou lhes desse a mais pequena liberdade para poderem pensar dela coisas menos dignas, mas é que em tôda a sua figura havia um "charme„ muito feminino, que prendia irresistìvelmente.

As mulheres, essas então, gostavam dela, justamente porque as não ofuscava na conquista do macho, visto que ficava sempre indiferente aos galanteios masculinos, como que envolta numa frieza invencivel.

Eu era do grupo que a rodeava no teatro e no casino, mas poucas vezes lhe dirigia a palavra, porque o que eu queria era encontrá-la um dia sòzinha, e poder devassar a sua alma que me interessava.

Por detraz daquela capa de insensibilidade, devia haver uma ferida, provàvelmente uma ferida de amor que são as feridas que mais doem, e que melhor queremos disfarçar ou esconder com aparencias calmas e impenetraveis.

Quanto mais se sofre, mais serena é a máscara que afivelamos.

Por tôdas estas considerações e pela minha tendência natural de sondadora de almas, eu tinha empenho em que aquela mulher se abrisse comigo, e me dissesse as coisas que não tinha ainda confiado a ninguém.

Queria ser a depositária da sua tragédia.

■

Uma noite no teatro, num dos intervalos, encontrámo-nos por acaso, na sala de "toilette„. Não estava mais ninguém.

Emquanto ela arranjava os cabelos loiros e empoava o rosto muito belo ainda, eu contemplava-a e via-lhe no espelho os olhos doirados onde brilhava uma lágrima teimosa.

Eu já tinha reparado que os seus olhos brilhavam com os restos do pranto chorado em segrêdo.

E atrevi-me a dizer-lhe:

— "Parece que anda sempre triste. Que mágua terá sido a sua, para assim lhe ter apagado no olhar a alegria de viver? Para mim, romancista e artista de profissão, seria uma preciosa mina de emoções, se quizesse franquear-me o seu peito e mostrar-me as suas dores„.

Ela teve um trejeito triste, que queria ser um sorriso, e respondeu:

— "Talvez me fizesse bem desabafar. Já amou alguma vez? Se amou, sabe o martirio que isso é, mesmo sendo amada também, porque seja como fôr o amor nunca é alegre. E, então, quando somos só nós a amar, é um verdadeiro inferno„.

Vendo-a em bom caminho para a confidência, animei-a:

— "Continue. Deite cá para fora todo êsse azedume que lhe amargura os seus dias e desassossega as suas noites. Verá que fica melhor, mais leve, sem tanto pêso no coração...„

Ela cedeu, vencida pela sua própria ânsia de expansão:

— "Ah! não calcula a tempestade que passou na minha vida! Eu vivia despreocupada, sem cuidados, sem penas, não feliz isso é certo, mas serenamente.

"Um dia dei com um homem que me agradou. Não foi paixão de princípio, mas em paixão, e avassaladora, se tornou depois.

"Eu vivia dêle e para êle. Era terna, carinhosa, talvez de mais, quando nos encontrávamos. Ele recebia as minhas caricias sem entusiasmo, pelo menos sem entusiasmo aparente.

"Parecia-me que não era correspondida inteiramente.

"E tinha uns ciumes doidos do passado, do presente e do futuro. É insensato, bem sei, mas que culpa tenho eu de ter êste geito assim de amar com loucura?„

— "É verdade, cada uma de nós é igual às outras nessa mania do exclusivismo, mas é natural e humano, quando se ama„. Interrompi eu.

Ela continuou:

— "Mas êsse homem era positivamente num temperamento oposto ao meu. Parecia insensível a tôdas as provas de ternura que eu lhe dava.

"Eu gostava dêle, mas andava enervada com aquele feitio sêco, sem uma palavra de carinho para desfazer as minhas dúvidas sôbre o seu sentir. Adoeci do coração. Andava sempre exasperada pela desconfiança e cheia de amor por êle, ao mesmo tempo.

"Era um tormento insuportável. Queria-o ao pé de mim, e quando o tinha a meu lado não podia com a mágoa de julgá-lo desleal, infiel.

"Resolvi acabar com êste amor, como quem faz uma operação — operação mais dolorosa do que tôdas as operações dos males corporais.

"E fugi-lhe. Sofri e sofro ainda muito, e sofrerei sempre, porque lhe quero como então.

"Mas antes isto, do que ver o seu ar indiferente, quando eu me queixava, e até o seu sorriso trocista, quando o ciúme me fazia desvairar e estorcer de dor.

"Creio que êsse homem nunca me compreendeu. Deixá-lo.

"Tenho-o ainda dentro da minha alma, como na primeira hora de paixão. Arredei-o do meu caminho, mas recolhi-o no meu peito para sempre. Só quando morrer me libertarei dêle.„

■

E eu fiquei pensando como os homens são tão crueis que matam os proprios sonhos que crearam.

Valerá algum a pena de ser amado como esta mulher amou?

E são êles que nos chamam inconstantes... Já é descaramento!

Mercedes Blasco

Tebas

IMPRESSÕES DE ASHAVERUS

FALAM OS ESPECTROS DOS ANTIGOS EMPÓRIOS

que se afundaram na poeira da sua inconcebível vaidade

Errante pelo mundo há quási dois mil anos, voltei à minha terra natal, sonhando grandezas e acalentando ambições.

Após mil desalentos que apenas me serviram para compreender melhor os ensinamentos do Eclesiastes ao mostrar-nos a "vaidade de vaidades, tudo vaidade!» deixei-me levar por essa rajada de conquista que, actualmente, parece querer abalar o Universo.

E voltei aos pontos em que se ergueram arrogantes os mais antigos empórios — Tebas, Babilónia, Ninive, Tiro e Sidónia, Laodiceia e Antióquia.

Essas ruínas falavam...

Eis o que ouvi dizer à orgulhosa Tebas:

"Que se sabe de mim?... Uns sacerdotes egípcios, que conheceram algumas das tradições da minha grandeza, ditaram-nas a Herodoto. Sem isso, e sem estas pedras veneradas, êstes blocos denegridos e êstes alicerces formidáveis que o sol beija no próprio lugar das ruínas, não poderia o mundo moderno aperceber-se da minha existência. Quando os cristãos perseguidos vieram parar ao meu seio, em busca de refúgio na solidão dos meus sepulcros, eu era apenas a sombra das minhas sombras. O colosso derribado e as inscrições que provavam a sabedoria dos meus soberanos, foram os únicos testemunhos que se mantiveram na Tebaida. E então os anacoretas oraram a Deus sôbre as cinzas da maior, da mais sábia e da mais devassa cidade erguida pela loucura humana.»

Babilónia ergueu a voz para dizer:

"Fui eu quem destruiu Jerusalem e submeteu à escravidão o povo hebreu. Fui o braço de Jehovah, e a minha fama perdurará na memória dos povos enquanto o mundo fôr mundo. O rio Eufrates cantará eternamente as minhas

Laodiceia

grandezas. Ciro conseguiu vencer-me, e Trajano contemplou as minhas ruínas. Cumprira-se o anátema de Jeremias: "Virá do Aquilão um povo contra a Babilónia e a converterá num deserto, não voltando êste império a ser habitado por qualquer sêr humano!

"Sôbre os meus escombros foram edificadas várias cidades... Mas onde foram parar as cem portas de bronze das minhas muralhas e as imensas riquezas do templo de Belo?

"Como desapareceram os meus famosos jardins suspensos que constituiram a mais assombrosa maravilha daquela civilização?

"Como pôde ser arrasado o portentoso palácio de Nabucodonosor sôbre cujas ruínas caíu morto o grandre Alexandre Magno?

"O que resta hoje do meu assombroso poderio? Uma aldeia mísera a que chamam Hillah, lagoas infectas e lodaçais pestíferos substituiram os meus vergeis.

Ante mim estende-se agora o deserto amarelo... Ah! paguei bem caro o sacrilégio de ter posto as minhas mãos iconoclastas no templo de Salomão!...»

Falou então Ninive:

"Pobre de mim, desventurada Ninive!... O meu nome sonoro citado tantas vezes nas Sagradas Escrituras foi substituído pelo de Nusul... Tempos idos, gloriosos tempos! Fui um assombroso empório de riqueza, de arte e de prazeres... Hoje não passo de um pobríssimo refúgio de caravanas... De mim ficou apenas uma infamante memória. Rival da Babilónia, vencia-a pelas armas, e suplantei-a em vícios.

"Em vão o profeta Jonas, vindo até mim no ventre da baleia, me quis afastar da loucura dos meus prazeres...

"Oh! se os homens dêsse tempo pudessem voltar ao mundo e contassem o que eu fui, maior seria o vosso espanto diante do que hoje sou!... Diriam como era o palácio de Sardanapalo, e como se juntavam ali as mais belas mulheres da Ásia, da África e até da Europa, aumentando com a beleza da sua nudez a glória do monarca... Diriam como os artistas de todo o orbe acorriam ali a oferecer em holocausto a sua inspiração...

"Contariam como eram procurados os vinhos deliciosos, os frutos perfumados e os peixes mais raros nos mais remotos confins para aqueles banquetes intermináveis em que os dias e as noites surpreendiam os comensais embriagados... Como se extinguiu tudo isso!... Um dia, os caldeus e os medos caíram sôbre a cidade descuidada e arrasaram-na. Sardanapalo, cercado no seu palácio, lançou-lhe fogo, e assim morreu sem interromper a sua orgia, rodeado pelas suas mulheres, pelas suas escravas, pelas suas dançarinas, pelos seus músicos, pelas suas obras de arte e pelos seus tesouros... E eis-me reduzida a um montão de cinzas para lição da Humanidade.»

Ninive

Tiro e Sidónia falaram assim:

"Pobres loucas que fômos! Cheias de soberba, tivemos junto de nós a Fé e a Vida eterna e não as conhecemos! O Rabi passou em pobríssima caravana. Ia prègando a boa nova seguido por alguns discípulos.

"— "É o filho do Deus dos hebreus!» — gritava a multidão que corria para o ver e ouvir.

"Oh! quem o tivesse conhecido verdadeiramente! Não vestia púrpura, nem levava no cinto espada com punho de oiro. Apenas a poeira dos caminhos lhe cobria a túnica... E nós — loucas que fômos! — faziamos das ideias da divindade e do esplendor o mesmo conceito!... Pois se éramos as ousadas navegadoras que nos atrevemos a sair do Mediterrâneo, se nos orgulhavamos de ser as fundadoras de Cartago e Gades como poderiamos acreditar na divindade da pobreza?

"Foi junto de nós que Jesus curou a filha da cananeia, e com sete pães e dois peixes deu de comer à multidão que o seguia.

"Vimos e não compreendemos!

"Um dia, chegou Alexandre Magno, e, de tôdas as nossas grandezas, não ficou pedra sôbre pedra!»

Babilónia

Antióquia

Laodiceia disse:

"Eis aqui os arcos soberbos do meu vasto anfiteatro, os meus derruídos palácios transformados em covas profundas e lôbregas em que se refugiam as feras bravias... Ruínas de ruínas, porque antes de ser a Laodiceia que ouviu S. Paulo indicar a boa senda, fui Diospolis — a cidade de Deus — a jóia da Frígia, rodeada de jardins.

"E hoje? Vede esta mísera povoação chamada Lataquié, levantada com as pedras encontradas nos meus escombros.

"Aqui acampam algumas caravanas como se fôsse num oásis. Mas, apenas repousam sem ter admirado o plácido espectáculo da minha campina verde, fogem desta solidão em que parece pesar uma maldição eterna!»

Finalmente, ergueu-se a voz da Antióquia:

"De que te queixas, Laodiceia?... Eu, sim, que tive um nome glorioso e sonoro. Chamei-me Teopolis que significa Cidade de Deus. Eu, sim, que escutei as palavras ardorosas que propagavam a fé cristã, depois de ter sido a rival afortunada de Roma e de Alexandria.

"No meu seio prègaram S. Paulo e S. Barnabé, e poucas como eu conheceram o génio ardente de S. Jerónimo. Na celebração de dois concílios, vieram até mim os mais sábios varões da Cristandade. Para os discípulos de Jesus era eu a filha predilecta de Sião, e para os imperadores romanos a rainha do Oriente.

"Agora restam apenas escombros. As guerras, os terramotos sucederam-se com fúria cruel... As minhas ruínas, empapadas de sangue, parecem repercutir ainda o eco dos alaridos da Dor e o estertor da Morte...»

Sidónia

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No São Luiz Cine

A favor da benemérita instituição Oficinas de S. José, realiza-se na tarde do dia 4 do corrente, no São Luiz Cine, uma interessante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, cujo programa será composto de uma parte de cinema em que se fará reprise de uma sensacional pelicula, e outra de variedades, sendo esta última formada pela representação em «travesti», a peça em um acto «A ceia das sogras», desempenhada por D. Lopo de Bragança (Lafões), Gui Vale Flôr de Brito Chaves e Carlos Espírito Santo de Melo.

Pelo extraordinário interêsse que esta festa está despertando é de prever que o São Luiz Cine, seja nessa tarde elegantemente concorrido.

No Paris

Com um fim verdadeiramente altruista, realiza-se na tarde do dia 4 do corrente, no cinema Paris, à rua Domingos Sequeira, uma festa de caridade, que constará de um sensacional programa de cinema. sendo a comissão organizadora formada pelas seguintes senhoras da nossa primeira sociedade D. Alice Bettencourt Teotónio Pereira, D. Branca Machado de Carvalho Figueira, D. Ilda Nunes Coelho Pery da Linde, D. Margarida Seabra de Oliveira, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Serodio (Sabrosa), D. Maria Amélia Teixeira Bastos, D. Maria Antónia de Sá Nogueira, D. Maria Júlia Pellen de Campos de Andrade, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrêlo, D. Maria da Piedade Lobato de Melo, D. Maria Tereza Perestrêlo d'Orey, e D. Maria Tereza Valente Salema Garção.

Pelo grande número de bilhetes passados è de perver que a tarde de quarta-feira 4 do corrente, no Cinema Paris, seja elegantemente concorrida.

No Club Tauromaquico

Com uma enorme e selecta concorrência, efectuou-se na tarde de 19 de Dezembro, último, nos belos salões do Club Tauromáquico, à rua Ivens, gentilmente cedidos pela direcção dessa aristocrática agremiação, um «chá Mah Jong» de caridade, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte as seguintes D. Alice de Sousa Melo, D. Ali Maury de Melo, D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Clarisse Lomelino Guimarães, D. Clarisse Ramos, Condessa de Murça, D. Francisca da Camara Pinto Basto. D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria Aguiar de Andrade Roque de Pinho, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Maria Izabel Brazão de Sommer, D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques. D. Maria João Zarco da Camara de Bianchi, D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Maria José da Cunha Almada, D. Maria da Luz da Camara d'Orey, D. Maria Marim Guedes, D. Mercês de Bianchi Plantier, D. Octávia Stromp Martins Pereira, Viscondessa de Almeida Garrett, e Viscondessa de Atouguia, cujo produto se distinava a favor da benemérita instituïção Casa de Protecção e Amparo de Santo António.

Além de partidas de «Mah-jong», houve também mesas de «Bridge» e de «Bluff», tendo-se por ocasião do «chá», sido feita a rifa de vários objectos oferecidos pela comissão organizadora.

O aspecto dos vastos salões do Clube Tauromáquico, nessa tarde era verdadeiramente encantador, vendo-se ali reünido tudo que melhor conta a nossa primeira sociedade, vendo-se também grande número de senhoras da colónia espanhola que actualmente residem no nosso país.

A comissão organizadora decerto deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeira, como mundana.

No Condes

Na tarde de sábado 17, realizou-se no Cinema Condes, uma festa de caridade promovida por uma comissão de senhoras da colónia espanhola e da nossa primeira sociedade, cujo produto se destinava a beneficios de «Frentes y hospitales» sob a presidência da esposa do ilustre Embaixador de Espanha, em Portugal, e da qual faziam parte D. Carmen Burnay de Vilhena, delegada de «Frentes y hospitales», Duquesa de Maura, Marquesa de Mirafares, Marquesa de Claramunt, Marquesa de Faial, Condessa de Jimenez y Molina, Viscondessa de Sacavem, D. Rosária de Ranero, D. Mercedes de Ocamp, D. Eulália Salles de Sande e Castro, e D. Clara Lauret, a qual constou de um interessante sarau de arte, cujo programa abriu por um documentário espanhol, intitulado «10 minutos em Espanha», seguindo-se uma fita com apontamentos da Guerra de Espanha. Seguiu-se um magnifico concerto de piano, pelo notavel pianista espanhol José Cubilas, que exectuou várias obras dos mais cotados compositores espanhois, terminando por um «fado» de Rey Colaço, fechando o programa um brilhante discurso por D. José Maria Peman, que mais uma vez electrizou a selecta assistência, que enchia por completo a vasta sala do Cinema Condes, com a encantadora forma e bem timbrada voz.

Na asistência que, como dissemos enchia por completo o vasto salão recorda-nos de ter visto entre outras ás seguintes senhoras:

Senhora de D. Nicolau Franco, Baronesa de Hoyningen-Huene, Duquesa de Medina-Sidónia, Marquesa de Mira Flores, Marquesa de Faial, Marquesa de Claramunt, Marquesa de Tancos, Condessa de Jimenes y Molina, Condessa de Proença-a-Velha, Condessa de Taboeira, Condessa de São Tiago, Condessa de Arge, Condessa de Monte Real, Condessa da Povoa, Condessa da Torre, Condessa de Castro Marim, Condessa de Fornos de Algodres, Condessa de Vale de Reis, Condessa de Pinhel, Viscondessa de Sacavém, Viscondessa de Almeida Garrett. D. Rosário de Ranero, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria de Oliveira Reis, D. Carmen Burnay de Vilhena, D. Eulália Sellés de Sande e Castro, D. Mercedes de Ocamp, D. Carmen Morales de Los Rios de Castro, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich e filha, D. Maria Pery de Linde Peixoto e Cunha, D. Luísa Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Elisa Baptista de Sousa (Carnaxide), D. Angela Carvajal Teles da Silva, D. Maria Pellen de Campos de Andrade e filha, D. Natália Munós y Puig, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria do Carmo da Camara de Noronha Husum, D. Maria Adelaide Castro Pereira Balsemão, D. Maria de Meira e filha, D. Ana Maria de Barros da Costa Morais, D. Sofia Baerlein de Castel-Branco, D. Luisa de Sá Pais do Amaral (Anadia), D Maria Amélia Saturio Pires de Sequeira Braga, D. Maria de Lourdes Amaral Leitão, D. Maltilde de Castro Eça de Queirós e filha, D. Maria Natália Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Arcelina Valente Moreira (Taboeira), Senhora de Baldasano, D. Emília de Gouri, senhora de Cateles, D. Júlia Saro, D. Clotilde Sobreira, D. Joana de Junqueira, D. Maria Antónia e D. Maria Claudia Ramada Curto, D. Catarina Rocha Pinto, D. Isabel Maria de Melo Breyner (Mafra), D. Maria José de Castelo Branco, D. Maria Teresa e D. Maria de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Maria Domingas e D. Maria Teresa da Gama Berqué, D. Eugénia Valente Moreira Teles da Silva (Tarouca), D. Helena Varela Cid, D. Maria Guinea, D. Maria Isabel de Sommer, D. Patricio Lane, D. Luisa de Sommer, D. Maria de Carvalho, D. Palmira de Sommer, D. Elisa Botelho Leitão, D. Maria Teresa Burnay de Verda (Mairos), D. Susana Andres da Costa, D. Luisa e D. Maria Vicente Reimes, D. Monserrat Coronas, D. Maria Oliveira Cedas, etc, etc.

Casamentos

Na paroquial de Santa Isabel, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Izilda Caciolinda Pires Justino, gentil filha da sr.ª D. Isaura Pires Justino e do sr. José Justino, já falecido, com o sr. Carlos Henriques Couceiro Feio, inspector de produção da Companhia Portugal Previdente, filho da sr.ª D. Laurinda Martins Couceiro Feio e do sr. Mário Couceiro Feio. Serviram de madrinhas, a mãi e a tia do noivo sr.ª D. Clarisse Martins Couceiro Feio, e de padrinhos o pai e o tio da noiva sr. Gilberto Couceiro Feio. Presidiu ao acto o capelão da sr.ª Condessa da Foz, reverendo António Patoleia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

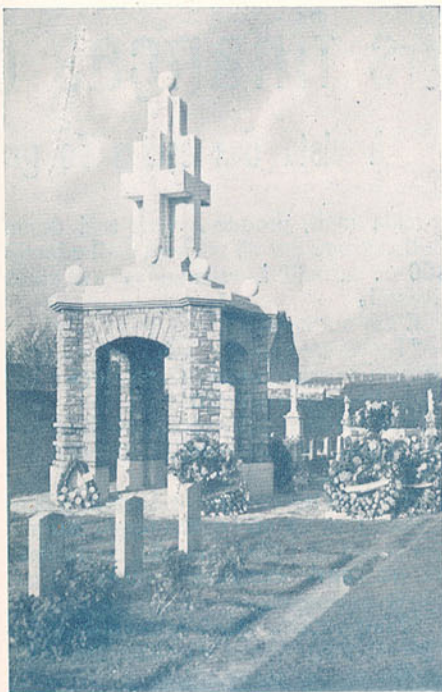
Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

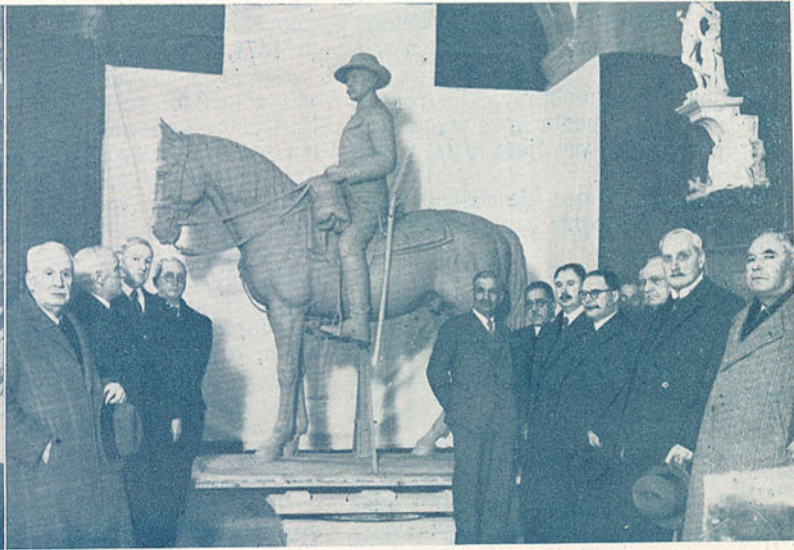
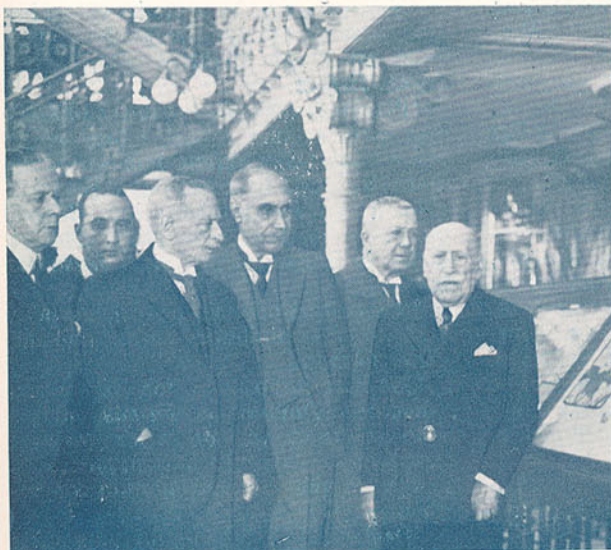
— Celebrou-se na paroquial dos Martires, presidido pelo prior da freguesia, reverendo Cónego António Joaquim Alberto, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Aldim Cardoso de Mendonça, gentil filha da sr.ª D. Irene Aldim Cardoso de Mendonça e do nosso querido amigo sr. Henrique Cardoso de Mendonça, com o distinto engenheiro silvicultor sr. Luís de Seabra, filho da sr.ª D. Maria Augusta dos Santos Viegas de Seabra e do ilustre professor da Universidade de Coimbra, sr. dr. Antero Frederico de Seabra. Foram madrinhas a tia paterna da noiva sr.ª D. Maria Alice Cardoso de Mendonça Santos, e a mãi do noivo, e de padrinho o tio paterno da noiva sr. visconde de Silvares e o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, á rua dos Industriais, um finíssimo lanche, da pastelaria «Marques», partindo os noivos aquêm fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o norte, onde fôram passar a lua de mel, seguindo depois para a sua casa em Alcobaça, onde fixam residência.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Izilda Caciolinda Pires Martins, com o sr. Carlos Henriques Couceiro Feio, celebrado na paroquial de Santa Isabel. Os noivos e convidados. — (Fot. Serra Ribeiro).

FIGURAS E FACTOS

O monumento aos soldados portugueses mortos na Guerra, em Boulogne-sur-Mer, inaugurado há dias com grande solenidade. — Foto *José d'Almeida Santos*

Um aspecto da homenagem a Afonso de Albuquerque na Sociedade de Geografia, onde os srs. Cirilo Damião e Nuno Cunha Gonçalves proferiram discursos evocativos sôbre o glorioso conquistador das Índias

O sr. Presidente da República visitando a exposição de trabalhos de alunos das escolas das Colónias e do Brasil, na Sociedade de Geografia. — *A' direita:* Os srs. Ministros das Colónias e da Educação Nacional com outras individualidades, visitando a estátua de Mousinho de Albuquerque, trabalho do escultor Simões de Almeida

Angelo Pereira, o infatigável investigador, acaba de publicar mais um trabalho sôbre a *Estátua eqüestre de D. José*, que um padre jesuita do tempo de Pombal escreveu, e o autor das Senhoras Infantas Filhas de Dom João VI prefaciou e anotou criteriosamente, como sempre

O Vinho de Colares é delicioso, mas passa a saber melhor ainda após a leitura do magnífico trabalho que Raul Esteves dos Santos acaba de publicar, historiando e documentando primorosamente as origens e expansão do precioso nectar que tem hoje fama verdadeiramente mundial

Silva Tavares — o poeta querido das multidões — publicou um novo livro de quadras encantadoras que intitulou *Vá de Roda*. Tecer elogios aos versos de Silva Tavares? Para quê, se o povo é que os consagrou decorando-os e cantando-os? Bastará dizer que apareceu mais um livro de Silva Tavares para se calcular logo que novos e belos versos brotaram do manancial inexaurível daquela irrequieta inspiração, marcando um novo acontecimento literário

Júlio Silva, o pintor de talento que há muito admiramos realizou uma Exposição de Pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes, que causou sensação. O ilustre artista viu compensado o seu esfôrço pelos gerais aplausos de que foi alvo

As finanças de Eça de Queiroz

à vista das cartas do grande romancista Ramalho Ortigão

Página de homenagem do jornal brasileiro O Besouro *a Eça de Queiroz, em 4 de Maio de 1878*

EÇA nasceu pobre, viveu pobre, e morreu pobre... E, como o seu País, em contínuo *déficit!*

As *Cartas de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão*, publicadas há pouco no *Dom Casmurro*, puseram, cruamente, em evidência vários transes aflitivos do seu orçamento, e deram mesmo lugar a maledicente crítica dos meios empregados pelo grande escritor para corrigir o seu desequilíbrio.

Não há, pois, nenhum melindre em tratar êste interessante assunto, como uma contribuïção vantajosa para a sua biografia.

Aproveitar-nos-emos de cartas insertas no *Dom Casmurro* e na *Correspondência.*

*
* *

Em carta de 1870 ou 1871 (após a publicação d'*O Mistério da Estrada de Sintra):*

"As circunstâncias obrigam-me a incomodá-lo, e mesmo a «tiroteá-lo» um pouco.

"Peço-lhe, se isso não lhe causa dúvida, que dêsse tesouro, que nos alcançou a honradez do Pereira, Você tire 6.000 rs., que fará chegar às mãos do Catarro, meu alfaiate, Rua do Ouro, 100, 1.º andar.

"Se Você tem a ridícula originalidade de não ter, como tem todo o mundo em geral e o nosso grupo em particular — uma conta *criarde* no Catarro, então não hesito em lhe pedir que Você mesmo deposite os 6.000 rs. nas mãos inhábeis do Catarro, tecendo-lhe ao mesmo tempo, em *dourada língua*, os louvores do meu espírito e da minha elegância. Da minha elegância, repito.

"Se porém lhe fôr vedada, como a tantos amigos nossos, *helas!* a aproximação do Catarro, então peço-lhe que me avise, para eu providenciar de modo diferente.

«Ora tudo isto não obsta a que me seja indispensável (quando eu aí chegar, se Deus quiser) encontrar, no bolso do Pereira, o melhor de 18.000 rs. Percebe o *tiro?*

«Conto consigo. Que os seus negócios não embaracem esta missão. E responda-me logo, 4 palavras que sejam, ou dando conta do cumprimento dela, ou escusando-se».

E, logo a seguir:

"Tenho uma ideia; dá dinheiro: responda-me sôbre o que lhe peço, e eu depois lha comunicarei, para desde logo se entabularem negociações. Agora não tenho tempo».

Conjecturo que esta carta, não datada, haja sido escrita em Leiria, e que *a ideia que dava dinheiro* — fôssem *As Farpas*, que começaram a publicar-se em Maio de 1871.

Em carta não datada, mas que, pelo seu conteúdo, se vê que é escrita do Porto, em Junho dêsse ano, estando Eça hospedado na casa do seu amigo D. Luiz, Conde de Rezende, diz a Ramalho:

"Remeto êsse original. Tenho ainda aqui, graças a Deus!: mais um artigo sôbre o *Exército*, outro sôbre a *Reacção*, outro sôbre o *Incidente de insultos* no Parlamento, outro, grande, à maneira do da *Nação* — sôbre *As Colónias e a Marinha, a propósito de Macau.* Tenho de os copiar, e, querendo Deus, estará aí de posse dêles pelo fim da semana. Tenho outros em via de preparação — pequeninos».

"...Eu continuo a passar vida de doente: regimen, ferro, passeios, etc. A minha única agitação tem sido escrever para *As Farpas.* Tenho-o feito *à petites plumées*, com o vagar dum coleccionador e o pouco espírito dum anémico. Felizmente, graças a Deus, creio que estou melhor. Mas quando aqui cheguei — querido Ramalho — *A cousa não estava lisonjeira! Peste!*

"Não sei quando partirei — mas espero que brevemente."

Os artigos a que Eça se refere foram publicados no n.º d'*As Farpas* de Julho de 1871.

Antes, escrevia a Ramalho:

"Não sei se Você tem aí algum dinheiro *farpal*: se tem, peço que me mande algum, pouco, o bastante para um bilhete de caminho de ferro, e nada mais, porque o Luiz está duma pobreza que me dá vontade de lhe meter 100 rs. na mão, às escondidas — se eu os tivesse!"

Ante as constantes aflições financeiras do grande romancista, esta consagração em papel-moeda até parece uma ironia!...

E em outra carta:

"Tencionava partir além de amanhã para aí — mas mudei de resolução, em vista destas considerações:

"Os médicos prescrevem-me impreterìvelmente, urgentemente, o uso dos banhos de mar.

"Para os nervos, para a anemia, e para a vista. Ora eu não quero tomar banhos nas praias de Lisboa que são, ou *de lôdo*, ou de *soirée dançante* — cousas igualmente detestáveis.

"Tenho, pois, de tomar banhos, ou aqui na Foz, ou em Espinho. Por conseqüência, se fôsse a Lisboa, tinha de voltar em Setembro, querendo Deus: só em viagens gastava 4 ou 5 libras — o que é anti-económico. Resolvi, pois, ficar, e ir já para a Foz.

"Mas, para regular a minha vida e basear cálculos, preciso que Você me diga — se tem algum dinheiro meu, aí, das nossas *Farpas.*

"Francisco entregou-me aqui 13.000 rs.; faça, pois, as suas contas, e diga-me se posso contar com algum dinheiro que aí tenha. Sem esta base não posso fazer cálculos à minha embrulhada vida. Depois, ou resolverei ficar — ou partir para aí, melancòlicamente, a cultivar a *deusa dos mares.*

"Resposta rápida. No caso de eu ficar, trataremos de equilibrar o nosso trabalho sôbre *Farpas.*"

Que Eça foi para a Foz, vê-se pelo número de Outubro das *Farpas*, em que trata da prisão que ali se fez de vinte pescadores — com sua indignação...

Escreve ainda ao seu querido companheiro:

"Devia ter aí encontrado uma carta minha. Não se esqueça que eu espero sua resposta. Eu preguntava-lhe nela se teria aí 3 ou 4 libras para dar a Catarro. Porque Você, na indicação que me mandou ácerca das nossas contas, esqueceu-lhe dizer se havia algum dinheiro *aí* — disse-me só os recursos que eu poderia ter *aqui.* Ora é secante mandar *daqui* dinheiro ao Catarro, sendo mais fácil mandar-lho entregar *aí — voilà la chose.* Eu preciso urgentemente desta resposta — porque preciso urgentemente de fato. Esta consideração deve comovê-lo. Responda, pois, brevemente."

*
* *

Passaria um ano. Eça voltaria de novo a banhos na Foz... O último número d'*As Farpas* em que colabora é de Outubro de 1872. Em Novembro parte para a Havana. Nas cartas que dirigiu a Ramalho, e que foram publicadas, nada se diz de dinheiro, até à carta de Newcastle, a 17 de Maio de 1876, que se refere ao projecto de venda a Ernesto Chardron da 1.ª edição d'*O Crime do Padre Amaro.*

Outra referência a 3 de Novembro de 1877:

"Eu só sei notícias da pátria, através da *Actualidade* — uma folha do Norte, onde eu vomito resíduos duma prosa torpe, a tanto por coluna: divertimento que vou cessar — porque ainda não vi a côr do dinheiro do Anselmo Morais Plebe."

Trata-se das *Cartas de Londres*, que a família de Eça de Queiroz não permitiu, até agora, se reünissem em volume, e que contém, todavia, algumas das mais belas páginas do grande escritor: foram publicadas desde 14 de Abril de 1877 a 21 de Maio de 1878.

Na carta de 17 de Janeiro de 1878 é que expõe a Ramalho a sua grande crise financeira:

"Eu, como todo o mundo, tenho um orçamento; o meu é assim: — dum lado os meus rendimentos, do outro as minhas dívidas. As minhas dívidas — que eu quero pagar êste ano — são êste ano a minha (grande?) despeza. Os meus vencimentos e recursos são: os meus ordenados, 37 libras mensais; mais de 10 a 15 libras mensais; a minha correspondência da *Actualidade* (que se tornou num rendimento, desde que o Anselmo se resolveu a pagar em dia) 7 libras mensais; o meu contrato com o Chardron para a novelasinha mensal — 22 libras mensais. Soma, 80 libras mensais. As minhas dívidas são um pouco mais de metade desta soma (na totalidade do ano).

"Parece, pois, que a minha situação é simples: é só não gastar os meus rendimentos — e pagar a minha dívida. Pois bem, a minha situação é desgraçada. E aqui está porquê: para eu pagar o que devo, é necessário fazer economias: para fazer economias é necessário abandonar a minha casa em Newcastle, sair da cidade, onde a vida é terrìvelmente, estùpidamente cara, e ir para um apartamento no campo, viver bem por quási nada. Mas, para sair de Newcastle, é necessário pagar as minhas dívidas aqui, as dívidas especiais de Newcastle — de que a minha casa e a minha presença são a garantia: e, para isso, seria necessário que eu tivesse de contado de 800 a um conto de reis. É claro isto.

"Ora é justamente esta soma que eu não tenho — nem amigo aqui a quem pedir: aqui só tenho conhecimentos — ou amigos pobres. É inutil dizer que não quero ir ao mercado da agiotagem pagar dinheiro a 40 ou 60 por cento.

"Portanto o que me convém é um homem compassivo, que me empreste essa soma a um juro de 6 ou 7 % — dinheiro pagável a prestações durante um ano, fiado na minha honestidade, e, para o caso em que eu reentre na natureza mãe — um segurozinho de vida. Conhece Você êsse homem compassivo?

"Salvava-me — duma situação que me arruina, me enterra cada dia mais, me preocupa a ponto de me tornar estúpido...

"As dívidas serviram a Balzac para aprofundar o mundo bancário, agiota, notário e forense; mas eu nem tenho essa consolação, que as minhas dívidas me tragam a revelação de tipos essenciais: elas só servem para me envelhecer e me bestificar. Se houvesse aí um homem que quisesse salvar a tranqüilidade dum homem de bem e a paz dum artista, êsse homem faria uma boa acção — ganhando 6 ou 7 por cento.

"Eu já assim levantei dinheiro em Lisboa: mas ainda não acabei de o pagar — (porque ainda se não venceram os prazos) — e portanto não posso ir à mesma fonte (que aliás não me convém, porque, não tendo muito numerário disponivel, deixa cair o que empresta gota a gota). É verdade que o juro é baixo: — mas o que me convém é a soma tôda, já.

"Você conhece tanta gente — e que me conhece — poderia talvez descobrir o que aqui se chama o *homem necessário.* Não acrescento mais, porque sei que fará tudo o que puder, e mais."

Pobre Eça de Queiroz! Não deve ter aparecido o *homem necessário*, porque se lê em carta de 4 de Março:

"Enquanto ao que Você diz de falar ao Corvo (Andrade Corvo, ministro dos Estrangeiros, que nomeara Eça para Havana e o transferira para Newcastle) desejo que o faça — se Você está em íntimas relações com êle. Mas não é pedir-lhe que me adiante ordenados — porque o Ministério, nada tem com os meus ordenados. É lembrar-lhe a promessa que êle me fez — de que, em vista dos meus pequenos ordenados, me daria uma ajuda de custo, ou *por uma vez*, ou mensalmente, até que uma lei me estabelecesse os vencimentos que pertencem à categoria do Consulado, e que são necessários para fazer face à carestia da vida inglesa. Esta ajuda de custo é uma dádiva particular do Ministério, muito justa neste caso, e que êle me prometeu. Se êle me quisesse mandar abonar uns 600.000 rs., seria excelente. Se Você está em boas relações com êle, vá lá, dizendo que eu lhe escrevi, a Você, para não o importunar escrevendo-lhe, porque lhe reconheço as ocupações; que estou pobre, que mereço auxílio como consul e como artista — e que lhe pedia o cumprimento da promessa feita. Compreende bem? Espero resposta breve."

Nada de positivo deve ter resultado da intervenção de Ramalho... Pois, a 8 de Abril, Eça voltava:

"As dívidas serviram, diz-se, a excitar o génio de Dickens e de Balzac: não encontrando em mim um génio a excitar, vingam-se da humildade do seu papel, torturando-me. Os meus rendimentos são superiores às minhas dívidas — mas êles dependem do meu trabalho que é demorado, e dos regulamentos oficiais que são imutáveis — e as minhas dívidas acumulam-se tôdas a um tempo, como sete espadas contra um coração. Para me desembaraçar do presente, tenho perpetuamente de descontar o futuro — e isto traz-me tôda a sorte de amofinações. Não sei, às vezes, como me resta coragem para entender os desgostos dos meus personagens, quando tenho de os observar através da espessura dos meus".

Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz em 1875

A situação financeira de Eça de Queiroz, confrange.

O sucesso que acaba de obter com a publicação do *Primo Bazílio*, que entra imediatamente em 2.ª edição — com ser grande — nem por isso o indemniza da verba que já inscrevera no seu orçamento — de 20 libras por cada novela, a 12 novelas num ano.

Só em Maio enviará algum original da primeira — *A Capital!* — e essa mesma não a virá a concluir, possesso agora da ânsia de perfeição, cheio de pavor de se desconceituar por produtos de fancaria.

Condenado às galés do realismo, escreve incessantemente — "mas numa prosa forçada, arrancada das névoas da reminiscência, construída como um mosaico, em que a observação é hipotética e a lógica conjectural", como êle próprio diz...

E eis que surge ao seu cansado espírito, ao seu espírito torturado, num admirável vôo dessa maravilhosa imaginação que é o fundo da sua constituição intelectual, do seu temperamento artístico, *A Batalha do Caia!*

Nem necessidades de documentação, nem fórmulas de escola, nem convencionalismos de *maneira* o embaraçam para erguer todo o cenário da invasão, todo o horror das violências, tôda a trágica decepção dum povo sem govêrno, dum exército sem organisação, de falsas *élites* sem educação, sem fé e sem coragem; e os grandes quadros avultam, os detalhes gravam-se a fogo, os pormeno-

res coriscam sôbre a sombria tela da subversão, da ignomínia, do luto, do desespêro.

Nenhuma dúvida de que esta obra a escreveu de um jacto, no quási delírio concepcional que é, que foi sempre, do seu génio de improvisador.

E Mefistófeles só esperou que êle lançasse, no último caderno da sua obra, a última linha, para o saüdar com a sua gargalhada comentativa: — Ora aí está como um Consul...

Eça debate-se... Mas em vão!

E nesta hora, Mefistófeles é cruel: o extraordinário sucesso d'*A Batalha do Caia* asseguraria ao escritor o pagamento de tôdas as suas dívidas, libertá-lo-ia de de todos os horrores asfíxicos de funcionário mal pago, a quem o ministro esquece, não honrando sequer a promessa dum justo subsídio.

É, sob esta pressão angustiosa de letras a protestar, e de compromissos inadiáveis com o estofador, com o alfaiate, com o mercieiro, que Eça vai escrever a Ramalho.

E todo o seu corpo *frissonait* da gargalhada mefistofélica, quando acabada a *carta explicativa* a Andrade Côrvo, começou:

"Meu querido Ramalho............
..............Mas antes de mais, abra essa epístola para o Corvo, e leia. Eu, no entanto, acendo um cigarro... — Leu?

"Que lhe parece? Explicar-lhe-ei, primeiro, porque concebi o livro; depois, porque escrevi ao Corvo„.

E explica a assombrosa visão d'*A Batalha*...

E, num *sans façon* de conversa, de conversa queiróziana, em que sempre passa o comediante mimado do Teatro Académico:

"Além do escândalo, quero dinheiro. Se o *Primo Bazílio* se vendeu — porque se não ha-de vender a *Batalha do Caia?* ..... "Portanto — se o livro se vende — porque não hei-de fazer especulação e tratar de pagar as minhas dívidas?„... "Agora, para que escrevi ao Corvo: é que a coisa é séria; eu sou um empregado do govêrno — e um tal livro é grave...„

E conta que leu todo o "esbôço„ ao Vaz, adido da legação em Londres, e que, ao terminar, no "plano-argumento„, a leitura do capítulo da fuga do "Rei e da anarquia em Lisboa, "o rapaz se ergueu pálido: *Oh amigo! Oh amigo! Et il avait des larmes dans la voix*...„ E "despedia-se de mim, dizendo, em tom lúgubre: — Queime *isso!* Queime *isso!*„

Daqui resulta:

"Não quero, portanto, que o Corvo me possa dizer depois: — V. não tinha direito a publicar semelhante livro.

"Mas há outra razão para eu escrever ao Corvo — é que êste trabalho representa para mim *capital:* e, se ao ministério *regenerado* não convém que se *diga de antemão* o *que ha-de acontecer em breve,* e me força a inutilizar um capital, deve indemnizar-me. Isto é claro como o bom *Bordeaux.* Não lhe parece? Talvez você não ache estrictamente moral; responderei com Darwin: — "na luta da vida, ser fraco é quási ser culpado„.

Depois desta ligeira confusão das inspirações do cientista Darwin com as do filósofo Satan, prossegue:

"Agora direi para que lhe mandei a carta ao Corvo: para que você a leia, e decida, compenetrando-se da amizade que nos une há tantos anos, o que tem de melhor a fazer para me levar êste caso a bom caminho — isto é, torná-lo o mais rendoso possível para bebé *(bebé c'est moi).*

"Se Você pensa que não deve aparecer neste episódio, passe o lábio pela cola do sobrescrito, assente-o com a palma da mão, e meta-o numa carta, dizendo: — "O Queiroz pede-me para lhe remeter esta carta„.

"Se Você entende que deve, num assunto — que é de política de Arte, e de interêsse para mim, ir falar-lhe, põe o chapéu, *et* vai *chez lui.* O homem lê, diante de Você, a pedido seu.

"E, então, uma de três:

"Ou diz, rindo: — Que diabo, diga ao Rapaz que pode publicar; é inteiramente inofensivo! — Nesse caso, Você aperta-lhe a mão, e exclama: — "Essa palavra, Ex.mo Sr., é dum grande estadista!„ E sai pela porta do fundo.

"Ou o Corvo hesita, faz beiço, coça a cabeça, e mostra-se, como dizia um amigo meu, *exquisito enquanto a resolução:* Você então toma o seu tom mais filosófico, e diz: — "O Queiroz está absurdo: publicar um tal livro é fazer um escândalo internacional; é revelar a nossa fraqueza, a nossa desorganização; é despertar o ódio vago do país contra *alguém* que lhe criou uma situação donde pode sair uma tal catástrofe. Êsse *alguém,* que êle procura para odiar, aparecer-lhe-à sob a forma original de quem tem neste momento o Poder — Rei e Regeneradores..., etc., etc. Portanto, o melhor é dizer ao homem que queime o livro: mas, como o livro representa um capital, é necessário que o moço não perca tudo. Mande-lhe V. S.a abonar uma certa quantia (carregue na quantia: de conto e quinhentos a dois contos).

"Suponhamos, porém, que êle diz: — *Não! Nunca! Proíbo-o que publique semelhante cousa!* — Você então toma um ar à Robespierre, e diz secamente:

"— Perfeitamente: é como obrariam os Cabrais: eu vou daqui fazer um escândalo nacional. É o fim da liberdade de imprensa, de opinião, e de consciência. É o descalabro, etc. (Você conhece a tirada). Ao menos — acrescente Você — é da mais estricta justiça que — já que lhe proïbem que publique os seus livros — se considere que êsses livros representam trabalho, e que se lhe pague, portanto, êsse trabalho! Etc. *(Vous savez qu'il y a une autre tirade sur cela)*„.

Maquiavelesco, não é?

E dir-se-à: — afinal tanto talento diplomático para arrancar ao Ministro um simples abono gracioso de consulado, que tantos alcançariam sem o mais leve incómodo de projectar ou escrever livros, nem de inventar argumentações...

E o pobre Eça, que queria tanto pagar as suas dívidas, mas que queria também tanto à sua nova obra!

Ah! se êle não fôra Consul...

Oiçâmo-lo:

"Agora, diz Você:

"— Mas, no fim, o que quere o menino — que a coisa se publique, ou se não publique: venha *sa pensée intime.*

"*Ma pensée intime* é êste: que o livro (sendo útil como um meio de mostrar ao país as conseqüências de prolongar uma tão horrorosa condição de abaixamento) — é, por um lado, inoportuno, por outro um ataque, de fôlha em fôlha, à vizinha Espanha: e serve, portanto, apenas para criar irritação. Por isso era talvez melhor que se não publicasse. Por outro lado — perder tais episódios literários! Oh menino!„

E descreve!

Depois, como se ainda houvesse receio de não ter sido bem explícito, resume o recado: — "O que resta é isto, e aí vai *ma pensée intime* — é que a ideia publicada ou inédita é um capital; êsse capital tenho direito a êle: que me venha do Chardron (ou do público, melhor) pela publicação, ou que me venha do govêrno pela proïbição — é-me indiferente.

"E Você está, por esta, encarregado de fazer produzir capital à ideia„...

"O que eu não quero é que a ideia fique improdutiva„.

E, pondo os seus respeitos "aos pés de madame Ortigão„, mandando "um abraço ao bravo Jeco„, e pedindo que beije por êle as mãos de suas filhas, sela a carta com um "abraço formidável„ ao seu querido amigo.

Mas Mefistófeles *ricana!* Eça, desconfiado, rompe o envelope, relê a carta, e acrescenta:

"P. S. importante: É indispensável que o Corvo, nem por sombras, suponha que o que se quere é extrair-lhe uma quantia — porque realmente não é, e a prova é isto:

"Do *Primo Bazílio* venderam-se 3.000 exemplares, que eu saiba; mas isto não quere dizer nada: o que diz mais é que o Chardron manda da *Capital* só para o Brasil 3.000 ex. Da *Batalha do Caia* podem, sem receio, tirar-se 9 a 10.000 ex. Vendidos a 500 rs., já Você vê que é uma especulação.

"Portanto, ao Corvo fala-se só *em consentir ou não consentir:* se êle *não consente,* exclama-se: — Como!? Mas eu vim aqui, supondo que Você não podia de modo nenhum impedir, etc. O meu pedido era apenas uma formalidade: Veja que dinheirão o moço perde! É uma infâmia, etc.

"E sôbre tudo isto, sigilo!„

Ao receber esta missiva do seu companheiro d'*As Farpas,* Ramalho brame! E, recusando-se a intervir neste negócio, apelida a tentativa do martirizado Eça — de *chantage!*

Ao publicar-se agora, sessenta anos depois, no *Dom Casmurro,* a carta de que fizemos tão largos extractos, tôdas as pessoas que dela me falaram, corroboram o juizo de Ramalho Ortigão.

Nada mais injusto.

Para o demonstrar, porém, matemáticamente, seria necessário publicar o "esbôço„ ou "plano-programa„ que se encontrou nos papeis de Eça de Queiroz, em 1924.

Quem pode fazê-lo? O sr. António de Eça de Queiroz, seu filho.

LOPES D'OLIVEIRA.

O NAUFRÁGIO DA LANCHA "TONECAS"

As ambulâncias dos Bombeiros Voluntários de prevenção no Cais das Colunas enquanto se procedia ao salvamento dos náufragos

Ao centro: A tripulação da draga «Finalmarina» que meteu no fundo a lancha «Tonecas», e que comseguiu salvar sete náufragos. — *A' direita:* O hidro 7 da Aviação Naval próximo dos mergulhadores. — *Em baixo:* A lancha «Tonecas» depois de ter sido posta a flutuar, tendo sido encontrado o cadáver do marinheiro António Germano agarrado ao leme

doctrina tenera adhuc et lactens-viri
iusti erudit infancia. Primꝰ apud eos
liber-vocat bresith: quē nos genesim
dicimꝰ. Scds elle smoth: qui exodus
appellat. Tercius vagecra: id ē leuiticꝰ.
Quartꝰ vagedaber: quē numeri voca-
mus. Quītꝰ elleaddabarim: q̄ deutono-
miū prenotat. Hij sūt quinq3 libri moysi:
quos proprie thorath id ē legē appellāt.
Scdm prophetaz ordinē faciūt: et incipi-
unt a ihū filio naue: qui apud illos
iosue bennum dicit. Deinde subtexūt
sophtym id est iudicū librū: et in eūdem
compingūt ruth-quia in diebs iudicū:
facta eiꝰ narrat historia. Tercius sequi-
tur samuel: quem nos regnoz primū z
scdm dicimꝰ. Quartꝰ malachim id ē

A Bíblia Mazarino, de 42 linhas, impressa por Gutenberg

O 500.° ANIVERSARIO DA TIPOGRAFIA

Como viveu e morreu o grande Gutenberg

Misérias e atribulações sofridas pelo genial inventor da Imprensa

No ano de 1397 nasceu em Magúncia um menino que recebeu na pia baptismal o nome de Hans. Como era filho de Friele Gansfleich e de sua mulher Elsa Gutenberg, o apelido a adotar carecia de ser estudado. Se, por parte do pai, Gansfleich queria dizer "carne de ganso», Gutenberg, por parte da mãe significava "Boa Montanha».

O rapaz passou a chamar-se Hans Gansfleich. Freqüentou as melhores escolas que existiam então nos conventos, obtendo, a breve trecho, as mais altas classificações.

Nisto, rebentou a guerra civil que veio modificar por completo a situação do estudioso rapaz. O pai Gansfleich foi morto, sua mulher ficou reduzida à miséria, e as duas irmãs Bertha e Hebele entraram, por esmola, para o convento de Santa Clara em Magúncia.

Hans exilou-se em Estrasburgo, onde teve de procurar trabalho para se sustentar. Conseguiu ser admitido como operário numa oficina de quinquilharia, iniciando-se na arte de trabalhar e polir pedras e espelhos e até gravar em prata.

Daí lhe surgiu a idéa de gravar, sôbre blocos de madeira, versículos religiosos, curtas orações, poesias, que aplicava no papel, à guisa de carimbo, obtendo assim grande número de exemplares. Assim esperava obter alguns proventos, a fim de auxiliar a pobre mãe. Êste engenho foi mal recompensado, visto aparecer logo quem dissesse que essa "escritura artificial» era obra de feitiçaria. E tomou tais proporções a acusação que o pobre Hans Gutenberg (passára a chamar-se assim para se distinguir de um dos tios que se assinava Hans Gansfleich) fez desaparecer qualquer indício comprometedor.

Logo que lhe foi possível, abriu por sua conta, uma oficina de lapidador, conseguindo assim estar mais à sua vontade. Como vivia só, e não deixava penetrar fôsse quem fôsse na sua oficina, logo os detractores começaram a urdir lendas pavorosas contra o feiticeiro que, por artes diabólicas, conseguia a "escritura artificial».

Entretanto, Gutenberg ia trabalhando, completamente alheado de tudo e de todos. Foi então que a ideia da imprensa lhe começou a germinar no espírito. Tendo reconhecido o inconveniente das pranchas de madeira gravadas, procurou um processo mais prático que lhe permitisse reproduzir os textos. Diz-se que, manejando vários sinetes, lhe brotou a ideia de empregar letras móveis. A princípio, pareceu-lhe que a madeira poderia ser utilizada para tal fim; mas depressa se apercebeu de que nada conseguiria com material tão pouco resistente.

Á fôrça de trabalhar com metais, realizou várias experiências, acabando por escolher o chumbo. Como carecia de grande número de caracteres, chamou em sua ajuda um fundidor. Alinhados os caracteres, estudou a tinta que deveria empregar, acabando por conseguir uma mistura de pós de sapatos e óleo de linhaça, que, por ebulição, dava uma espécie de verniz. (Esta mistura é empregada ainda hoje).

Carta de indulgência do Papa Nicolau V aberta a buril por Gutenberg

Para se obter a impressão, era necessário um certo contacto, que não era possível numa grande tiragem, a não ser perdendo muito tempo.

Ainda assim, Gutenberg não desanimou.

Um dia, passeando pelo campo, assistiu à prensagem das uvas num lagar. Isto lhe deu a ideia de aplicar idêntico sistema à impressão dos seus tipos. Encomendou logo uma prensa para os seus trabalhos tipográficos, mas tudo com o maior segrêdo, não fôssem os vizinhos dar pelo "feiticeiro»...

Em 1436 procurou uma oficina mais ampla nos arredores da cidade, alugando uma dependência do velho convento de Santo Arbogasto que se encontrava em ruïnas. Vieram parar-lhe à mão vários textos religiosos que passou a reproduzir. Estes preparativos custavam-lhe muito caros, sendo-lhe impossível arcar com semelhante despeza. Não só deixára de enviar a pensão que estipulára à pobre mãe, como se encontrava em sérias dificuldades para pagar ao fundidor. Em tão crítica situação, associou-se com Hans Riff, maire da pequena comuna de Lichtenau, que, após ter sondado a importância da invenção de Gutenberg, logo farejou fartos lucros, adiantando algum capital.

Um dos antigos companheiros de Gutenberg na oficina de quinquilharia, André Dritzehen, pediu lugar na sociedade, o mesmo sucedendo com André Heilmann. A nova sociedade tinha por fins: "polir pedras, fabricar espelhos e dar incremento a uma nova arte».

Contava Gutenberg com a feira que deveria realizar-se em Aix-la-Chapelle, para vender espelhos, e, desta maneira, fazer frente às despezas da sua tipografia ainda embrionária. Mas, como a feira foi transferida para o ano seguinte, a situação agravou-se. O sócio André Dritzehen sofreu tal abalo que pouco tempo durou. Seu irmão Nicolau, calculando que o negócio corria bem, insistiu em ficar com a parte do defunto, mas, quando que se apercebeu de que a indústria dos espelhos servia apenas para subsidiar uma tipografia, processou a sociedade, e reclamou a parte que lhe competia.

Na impossibilidade de fazer face a tais encargos, Gutenberg nem sequer pretendeu iludir os juizes... Nem sequer se defendeu... Foi condenado e forçado a abandonar todo o seu material. A tipografia foi vendida a um tal Mentel que pretendia chamar suas a todas as descobertas de Gutenberg.

Desiludido, o desventurado inventor regressou a Estrasburgo.

Restava-lhe a companhia da esposa para lhe suavizar êstes maus bocados... Mas, atendendo a que esta mulher o chamára um ano antes ao tribunal a fim de o forçar a cumprir a sua promessa de casamento, é natural que nem os carinhos conjugais lhe restassem...

Instalando-se numa loja de Tiergarten, voltou a dedicar-se à quinquilharia, mas pensando sempre no seu invento que ninguém queria auxiliar.

Em 1445 regressou a Magúncia, indo habitar na casa Zum Jungen que pertencera à família de seu pai. Contava com o bom nome dos Gansfleich para conseguir protecção.

Em 1450 alcançou do banqueiro João Fust uma concessão de 800 florins para compra de materiais, papel, chumbo, etc., e mais 300 florins para despezas gerais.

Se a sociedade fôsse dissolvida, Gutenberg restituiria 800 florins, e, enquanto durasse, os lucros seriam divididos em partes iguais pelos dois contratantes.

João Fust, compreendendo a expansão que esta nova indústria encontraria, recomendou a Gutenberg um operário chamado Pedro Schœffer que se especializára em Paris em caligrafia e trabalhos em metais. Para segurar mais êste novo colaborador, Fust deu-lhe em casamento uma filha chamada Cristina. Schœffer soube corresponder à confiança, pois logo que se inteirou do novo ofício, sugeriu melhoramentos na técnica de Gutenberg, especialmente nas matrizes de cobre.

Iniciou-se então a impressão de uma Bíblia latina, mais conhecida pela *Bíblia de Mazarino* ou pela *Bíblia das 42 linhas*, sendo por isso que se distingue de uma outra que foi impressa um pouco mais tarde, e que tem apenas 36 linhas em cada página.

Estava-se na época em que os enviados do papa Nicolau V andavam por todos os países recolhendo dinheiro para ajudar o rei Lusignan, de Chipre, na sua cruzada contra os turcos. Ora, em Magúncia, um arrecadador das somas dadas em troca de indulgência plenária, um tal Paulinius Chappe, tendo conhecimento dos trabalhos de Gutenberg encomendou-lhe a impressão de diplomas de indulgência, mediante os quais "tôdas as boas pessoas poderiam remir qualquer penitência por seus pecados, tanto nêste mundo como no outro, após uma rigorosa confissão e arrependimento».

Inuitat. Dominū deum nostr
Ps. Venite exul. añ. Quia mir
Cantate domi
quia mirabili
bit sibi dextera
sanctum eius
salutare suum: in conspe
uit iusticiam suam. Re
cordie sue: et veritatis s
Viderūt omnes termini
nostri. Jubilate domio
tate et exultate et psallite
in cythara in cythara et v

Fragmento do Psalterium, de Fust Schoeffer com caracteres móveis em madeira, publicado em 1457

Como o trabalho caminhava, e a Bíblia estava prestes a ser terminada, João Fust achou asado o momento de reclamar os fundos que adiantára. Estava-se em 1455. Gutenberg não estava ainda habilitado a reembolsar o seu credor. Novo processo. Gutenberg foi condenado, vendo mais uma vez o seu precioso material passar para a mão de um implacável usurário.

O desventurado inventor tinha então 58 anos de idade.

Retirou-se para a casa Bonamontis legada pela família de sua mãe a um dos seus parentes. Como captasse a confiança do dr. Conrad Humery, síndico da cidade, êste facultou-lhe os meios necessários para montar uma nova oficina. Gutenberg voltou ao trabalho mais corajosamente que nunca. Imprimiu a *Bíblia*, o *Catholicon*, e, seguidamente, a *Crónica dos Soberanos Pontífices*, chegando a fazer tiragens de trezentas folhas por dia.

Torna-se muito difícil conhecer exactamente a obra de Gutenberg visto êle não assinar nem datar os seus trabalhos.

Quando se preparava para gosar uma velhice sossegada, após uma vida de trabalho exaustivo que a má fé, a inveja e a ganância dos seus detractores sempre pretenderam inutilizar, surgiu um novo contratempo. Rebentára a guerra civil em Magúncia, onde o arcebispo Thierry de Izemburgo enfrentou Adolfo de Nassau, recusando-se a ceder o seu lugar.

Toda a cidade foi devastada pelo fogo e pelos morticínios.

Finalmente, sendo restabelecida a calma, Gutenberg, que gosava a estima de tôdos os seus concidadãos, recebeu uma distinção honrosíssima. Adolfo de Nassau conferiu-lhe em 1465 o título de oficial da sua casa que lhe dava direito a receber, anualmente, "um trajo de côrte, vinte alqueires de trigo e dois toneis de vinho».

Isto não obstou a que continuasse a ocupar-se da sua tipografia, onde guiava com o maior desvelo o trabalho dos seus discípulos. E assim se lhe extinguiu a vida, contando 71 atribulados anos.

Foi sepultado no convento dos Franciscanos, onde o esqueceram a tal ponto, que até o obscuro epitáfio que lhe puseram sôbre a campa rasa desapareceu!...

53.

Página da Bíblia das 36 linhas que se seguiu à edição Mazarino

Pn̄s hoc opusculū finitū ac cōpletū. et ad
eusebiā dei industrie in ciuitate Maguntij
per Johannē fust ciuē. et Petrū schoiffher de
gernßheym clericū diocesis eiusdē est consū-
matū. Anno incarnacōis dñice. M.cccc.lxij.
In vigilia assumpcōis glose virginis marie.

Fecho da 2.ª edição da Bíblia, de Fust e Schoeffer

Aquilino Ribeiro

Um livro de Aquilino Ribeiro é sempre um acontecimento literário que o público fixa com devoção, citando páginas que são das mais belas da literatura portuguesa.

Vai-se por êsse país fora, e até nos pontos mais remotos, onde parece não ter entrado ainda a luz bendita da Cartilha Maternal *de João de Deus, ouvimos citar a obra de Aquilino Ribeiro.*

— Oh! aquele "galo da Rita Scismas, aquele churro galaroz com esporões de guerra e polainas de montador, crista em serrilha, e uma face branca, glabra, acima duns barbilhões tão compridos e vermelhos que parecia andar sempre a a rir-se do mundo, o mariola...„

E o povo sabe de cór páginas inteiras do tão fecundo quão genial escritor, sejam do Andam faunos pelos bosques, *sejam das* Terras do Demo *ou de tantas outras que a sua pena primorosa e infatigável produziu e produzirá.*

Vai aparecer outro livro — Mónica *— em que Aquilino Ribeiro nos delicia com o seu empolgante talento de romancista e nos instrui com a sua profunda erudição.*

Eis um trecho dessa nova obra prima que o maravilhoso cinzelador da Estrada de Santiago *acaba de publicar:*

MÓNICA

O senhor Afonso Ruas mandou pôr o *rocking-chair* na sala em que Fräulein erigira a sua cátedra e quando as duas apareceram com livros e cadernos já êle lá estava, meditabundo, a *História Universal dos Terremotos* fechada sôbre o dedo em guisa de registo. E foi de mente prazenteira que se preparou para assistir à lição da filha. Era êsse um dos seus regalos, tanto monta que a matéria do dia fôsse línguas, literatura ou até música. Noventa e nove vezes por cento ficava sem perceber patavina, mas embora, contentava-se com o cantarolar da voz juvenil, os gestos e as atitudes duma representação de todo nova para êle que não conhecera mestre nem mestra. E uma conclusão êle atingia, mais fàcilmente que a acertar os juros duma letra: a miúda era afinada como coral; podia agradecer à Virgem Santa Catarina a boa memória que tinha, e não era dêle, sem dúvida nenhum asno, havendo, todavia, coisas que nem à picareta lhe entravam no entendimento, mas muito menos da mãi, essa, uma autentiquíssima cabeça de jerica. Às duas por três, dava sota e az à mestra. Lá estavam elas pegadas...

— *Brekekekex, coax, coax*, que quer dizer então, *Monichen?* — interrogava Fräulein, venta no ar, em posição de batalha.

— As Rãs obedeciam a um propósito manifesto: fazer a apologia de Ésquilo em desprimor de Eurípedes, cuja memória ia num crescendo de admiração entre os atenienses... — pronunciou Mónica em tom de recitativo.

— Está bem, mas que significa o *brekekekex, coax, coax?* — tornou a mestra, interrompendo-a.

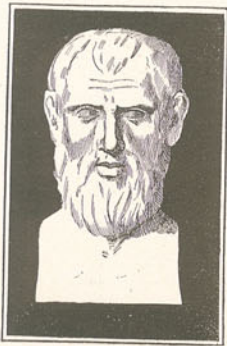
Mónica quedou um instante perplexa, como se houvesse perdido o rumo, e rompeu adiante com desopressiva e cantante articulação:

— Puh, em meu juízo, não deve querer dizer nada. Vozes ao vento.

— Ora essa!

— Pois que poderá significar...? As rãs da lagoa Estígia entoam o seu *brekekekex, coax, coax*, pelo mesmo motivo por que as velhas nos soalheiros da Grécia fiam na roca; é êsse o seu papel ou assim o entendem.

A alemã abria muito os olhos espantada com aqueles conceitos. Mónica tornou, a cabeça baixa, como se procurasse o fio do discurso:

— Sem dúvida que o berreiro das rãs pode ser interpretado como uma sátira de Aristófanes aos filósofos, políticos e oradores que levam a vida a rufar seu tambor de charlatães; mas não será mais acertado admitir que se trata simplesmentes dum episódio ocasional, dum certo efeito cénico, no caminho de Baco para os infernos?

Aristófanes

— *Sehr gut, sehr gut!* — exclamou a mestra quebrando resolutamente o seu assombro. — E que pretendeu o dramaturgo demonstrar com a sua peça?

— Há uma tese. Quem tem mais direitos ao cetro da tragédia, Ésquilo ou Eurípedes? Ésquilo põe em cena as grandes e extraordinárias paixões; as almas dos seus heróis, para empregar a sua expressão, estão couraçadas por sete peles de boi; as suas personagens são tôdas de sangue real; vestem púrpura; falam uma linguagem pomposa, *phlattothrattophlattothrat*, chasqueia o seu rival, sempre com palavras de casco aurifúlgido e cocar ao vento; o seu propósito é ensinar o culto das virtudes guerreiras e os seus dramas estão do princípio ao fim imbuidos do espírito de Marte. Não sabe o que é a humildade, a simpatia humana, o amor. — Mulheres enamoradas em cena ninguém mas vê! — exclama êle com jactanciosa firmeza. — Sim, responde-lhe Eurípedes, tu nunca conheceste Vénus.

Fräulein não respirava sequer, boquiaberta, olhos assestados sôbre a discípula.

— Eurípedes nasceu de facto duma deusa ordinária; a sua musa, porém, é mais que a tangedora de castanholas de que escarnece o émulo. As suas *dramatis personae* são tôda a patuleia menor da Grécia, gladiadores, mendigos, gramáticos, soldados, escravos, a multidão numa palavra. Falam a língua que lhes é trivial; as mulheres praticam as virtudes e vícios de tôdas as mulheres; tanto vestem farrapos como clámide nova; amam e odeiam à semelhança da mais gente de carne e ôsso e não dos semi-deuses; a vida que agita é aquilo mesmo, sem disfarce e sem preferências, que pululava nas alfurjas de Atenas e não sòmente no Kydathenaion ou na imaginação dos poetas. A farsa de Aristófanes, cheia de parcialidade, procurava elevar Ésquilo acima de Eurípedes e proclamar a sua realeza. E nada mais inconsistente. O que surge é a superioridade de Eurípedes, realista, permeável ao meio, óptimo realizador de histriões ao vivo, sôbre Ésquilo, o gigantesco movimentador de almas imensas, ou como se diria com menos respeito, o genial botas-de-elástico.

— *Schlecht!* — bramiu Fräulein Rottenberg erguendo-se com ar de Minerva ofendida, as faces cobertas de rubor, leve espuma ao canto dos lábios. — Que perversão é essa, Monichen...? Preferir Ésquilo, um eupátrido, o autor da maior trilogia que nos legou a antiguidade clássica, essa divina *Oréstia*, ao autor duma obra charra e plebeia de verrina e de pústula, filho duma regateira?... *Schlecht, schlecht!* O seu livro não diz isso!...

— Por acaso não está bem? Peço perdão, Fräulein, mas já lhe ouvi dizer que a arte não tem que apresentar certificado de origem. Também lhe ouvi, se não estou em êrro, que não tem sexo e que quanto mais universal mais resiste ao tempo...

— Sim, mas o seu livro que diz?

— Se Ésquilo — volveu ela com desplante e fluência como nas lições melhor papagueadas — é o poeta das paixões extraordinárias, e todos estão de acôrdo, Eurípedes é o dramaturgo que mais fundo levou o espéculo aos abismos do ser humano. Que haja na sua obra Fedras e Stenobeas, más mulheres, não é ainda uma lealdade do seu realismo?

— *Schlecht!* Ésquilo é grande como um deus e puro como um diamante. A sua arte respira nobreza moral e o tom dos seus diálogos raramente deixa a região do sublime. Eurípedes, pelo contrário, a par de Ifigénia e Macária, encantadoras, pinta-nos com requinte os piores patifes e facínoras. *Schlecht!*

— Eurípedes — tornou ela com vivacidade — é um escritor do nosso tempo. Não é arauto de virtudes, está dito, mas quem como êle sabe apresentar sob forma mais viva e empolgante as seduções do desejo, a tontaria dos sentidos, a ebriedade da ventura seguida de arrependimento e desespêro? Por isso o consideramos actual, vivo, enquanto Ésquilo não passa duma divindade embalsamada.

— Oh, é o cúmulo! Onde leu isso, Monichen...? No seu livro, não, que é uma edição expurgada, corrigida das obscenidades tão correntes em Aristófanes, própria para meninos e meninas. Onde leu? Isso não saíu da sua cabeça... Ná! Deixe ver que publicações são essas...

Fräulein Rottenberg, que afinal acabara por desconfiar daquela facilidade dialéctica, ergueu-se da cadeira e demoliu a pilha de livros que Mónica tinha à sua direita: Pierron, Gustav Karpeles; o *Lys Rouge*; as *Novelas Exemplares*... Não, ali não estava a fonte do escândalo. E na pasta...? Não tinha nada na pasta?

Mónica corou e a sua vermelhidão não escapou aos olhos de Fräulein, cuscuvilheira e investigadora por índole e raça.

— Deixe ver...

Com desconchavada sem-cerimónia travou da pasta, ergueu-a de alto, bôca para baixo como se faz aos afogados a fim de deitarem a água que beberam. Caíu um Musset na sua encadernação deliciosa de marroquim do Levante, um estojo de dama, um pulidor de tartaruga para as unhas, retratos, uma aluvião de revistas: *Oiseau bleu*, *Barca do Inferno*, *Jugend*...

Eurípedes

Esquilo

Na praia-mar de papel impresso gritou uma parangona: *As Rãs de Aristófanes.*

— Cá está! Lá me parecia que isso não era lição tirada da sua cabeça, mas sim trecho decorado de fio a pavio! Lá me parecia, ah! — exclamava ela radiante, a *Barca do Inferno* em riste.

E rompeu a ler com sofreguidão: "As Rãs obedeciam a um propósito manifesto: fazer a apologia de Ésquilo em desprimor de Eurípedes, cuja memória ia num crescendo de devoção entre os atenienses. E nunca obra de crítica conseguiu resultado mais lisonjeiro ao invés do que buscava. A sátira contra o autor da *Medeia* redunda em luminosa defesa. O que para o sentimento grego representado, digamos, por Aristófanes, era defeito, para a tendência do espírito moderno é virtude cardial. O seu populismo, os seus estudos das almas simples e grosseiras, a sua *vis* pelo vulgar e a observação da vida em seus prismas morais ou materiais constituem precisamente as qualidades que nós hoje, que não ajoelhamos diante de deuses nem de príncipes de sangue, mais apreciamos. As rãs da lagoa Estígia entoam o seu *brekekekex, coax, coax*, pelo mesmo motivo porque as velhas nos soalheiros da Grécia fiam na roca. Tem alguma significação...? Em meu juizo, não deve querer dizer nada... Vozes ao vento.

Edificada, Fräulein não julgou necessário ir mais longe e jogou a revista fora com náusea:

— *Schlecht!* Bem me estava a parecer. D'ora-avante, Mónica, quero que me consulte àcerca das suas leituras. Ouviu? Revistas, livros, quero ver tudo antes. Ah, quem é o autor do artigo...? Deixe ver...

Pegou outra vez do número da *Barca do Inferno* que Mónica tinha dobrado e arrumara à banda. Foi ao fundo da página e proferiu em tom de pasmo:

— Ricardo Tavarede. É o Dr. Ricardo o autor desta monstruosidade? Um homem tão distinto... um espírito que se me afigurava tão discreto! Incrível!... Está dito: daqui para o futuro as suas leituras passam pela mesa censória. Mas, que mania foi essa: decorar o Dr. Tavarede!? Vamos à lição de alemão...

Afonso Ruas seguiu com intensa curiosidade, consoante lhe permitiam as suas poucas luzes, aquela tempestade num copo de água. No fundo pareceu-lhe que Ricardo Tavarede, ou Mónica em seu lugar, não era de todo destituído de bom senso. Mas em suma era grego tudo para êle... A propósito: para onde se sumira o gentil amigo e seu advogado?

AQUILINO RIBEIRO.

SOB A PROTECÇÃO DA MISTERIOSA ESFINGE

Era uma vez um príncipe formoso chamado Faruk

e uma princezinha chamada Sazi Naz

Rei Faruk do Egipto

HAVIA um príncipe que tinha quatro irmãzinhas, tôdas elas muito lindas com as quais, segundo os costumes da terra, êle raramente se encontrava ou brincava, e ainda muito menos brincava com Sasi, a amiga e companheira de brinquedos das irmãzinhas, filha de uma dama da côrte.

Desde os quatro anos que o haviam separado das princesas e o haviam entregue aos cuidados de uma senhora inglesa de muito boas maneiras, viuva de um almirante da esquadra britânica. Durante doze anos viveu o príncipe sob a direcção da boa senhora, que se orgulhava em ter feito dêle "o rapaz mais bem educado do mundo" e era esta a opinião unânime, que dêle fazia quem dêle se acercava. Ao completar os seus quinze anos, decidiram os pais mandá-lo para a Inglaterra a-fim-de completar a sua educação.

O parlamento votou a soma de 16.000 libras para custear as despesas dos primeiros anos de permanência do príncipe no estrangeiro e êste foi alojar-se em casa de uma família inglesa, que vivia em uma pequena cidade no viçoso condado de Surrey, no sul da Inglaterra. Em pouco tempo conquistou a simpatia e amizade, não só dos que o cercavam de perto, mas ainda de lojistas e outra gente da terra, que êle gostava de freqüentar.

Chamavam-lhe o "Príncipe Teddy" e êle de olhos azuis, tez clara e maneiras britânicas, pouca diferença fazia de outros rapazes ingleses da sua idade. Era já relativamente instruído e era a matemática que constituía o seu estudo predilecto.

Os seus estudos orientais, só um prevalecia, constituído pelo seu "provador" a quem cabia a missão de provar os alimentos servidos ao príncipe, antes de êle ter ingerido algum.

Êste dignitário da côrte era um farmacêutico inglês, devidamente diplomado, que, desde o Cairo, acompanhava o príncipe e que cumpria as suas funções com fidelidade.

Numa manhã de inverno, enquanto Faruk, que assim se chamava êste príncipe do Egipto, trabalhava num canto do parque, nas suas matemáticas e nos seus estudos shakespearianos, de que muito gostava, surgiram repentinamente à sua frente oito elegantes figuras femininas, que haviam saltado de vários automóveis e que o vinham interromper nos seus estudos tão dilectos. Era a mãe, as quatro irmãs e umas amigas destas, desejosas de verem o príncipe, entregue aos seus estudos tão dilectos e de visitarem a sua nova instalação. Entre as amigas curiosas, encontrava-se a linda Sasi Naz Zulficar, a companheira de brinquedos das princesas, agora uma bela rapariga de 16 anos, desenvolta e desenvolvida pelo seu amor ao desporto. Faruk não voltara a vê-la desde que completara 12 anos, e a sua beleza deslumbrou-o.

Durante os dias que esta visita durou, Faruk fez a côrte a Sasi com tal entusiasmo, que a mãe julgou prudente abreviar a visita e partir para São Maurício, com tôda a comitiva.

Mas, ao cabo de três dias em São Maurício, no chá dançante do Palace Hotel, foi grande a surpreza das senhoras, ao depararem repentinamente com o príncipe. Abandonara a Inglaterra na antevéspera e, com um adorável sorriso infantil, declarara que não pudera resistir ao desejo imperioso de mais uma vez se despedir de sua mãe e ainda antes da raínha se libertar da sua surpreza, já êle arrebatara Sasi e a envolvia nas voluptuosas voltas de uma valsa vienense.

A êste encantador chá dançante seguiram-se duas semanas de encantador convívio entre a linda Sasi e o lindo Faruk, cujas feições perfeitas o leitor conhece das reproduções em jornais e no cinema.

O idílio, que havia mais tarde, de terminar à sombra das assombrosas pirâmides do Egpito, continuou em voltas vertiginosas sôbre o gêlo ou pelas aleas frondosas do bosque.

A raínha Nazli e a senhora Zulifar, sua amiga e companheira, faziam-se despercebidas, e no fim do mês de Janeiro, Faruk sòzinho voltou para Surrey, para de novo se entregar às suas matemáticas e aos seus estudos shakespeareanos.

Pouco tempo depois solicitou do rei Eduardo VIII da Grã-Bretanha uma audiência que êste concedeu fàcilmente.

Desta audiência nasceu uma grande simpatia do rei pelo príncipe, sobretudo quando êste declarou que amava e tencionava desposar uma donzela, em cujas veias não corria o sangue da realeza. O rei lembrou-se que se encontrava em situação idêntica à daquêle rapazinho imberbe e a miúde o convidava para o seu palácio de Belvedère, onde o jóvem príncipe, com a sua jovialidade, franqueza e maneiras leais conquistava as simpatias.

Túmulo dos califas no Cairo

* * *

No mês de Abril de 1936 faleceu o rei Fuad do Egipto e, antes de embarcar em Dover, com destino ao seu país, Faruk teve com o rei da Grã-Bretanha uma larga audiência e uma despedida afectuosa.

O rei Fuad, antes de ascender ao trono do Egipto, havia feito os seus estudos em Itália, cujas Universidades freqüentou, e, proclamado rei, protegeu e promoveu os estudos universitários do seu país, reformando muito as universidades e animou altamente as investigações arqueológicas do país. Devido à sua influência muitos estudantes foram subsidiados para seguirem os seus estudos nas Universidades da Europa. Era um rei instruído que deu largo incremento aos estudos da egiptologia, a que se dedicaram muitos sábios da Europa e da América, que encontravam sempre o melhor acolhimento pelo rei Fuad. A universidade francesa que mais contribuiu para os estudos da egiptologia foi a universidade de Estrasburgo que, devido à protecção de Fuad, lhe conferiu o grau de doutor *honoris causa*. Por uma coincidência interessante para nós, esta universidade conferia o mesmo grau ao nosso compatriota professor Amzalak na mesma sessão em que conferiu aquele grau ao rei Fuad.

A convivência do príncipe Faruk com o soberano da Grã-Bretanha teve grande influência no espírito do futuro rei do Egipto, como êle demonstrou nos primeiros meses do seu reinado e na escôlha da futura raínha, a amada Sasi.

No começo do seu reinado, Faruk receou que os parentes se opuzessem aos seus planos de casamento e esperou o momento em que estes se haviam retirado para a residência de verão, o castelo Montaza a 50 quilómetros de Alexandria, e, num lindo dia de Julho de 1936, saltou para o seu automóvel, dirigiu-se à residência da mãi de Sasi e fez o pedido de casamento. Dali partiu para o castelo de Montaza a 100 quilómetros de distância para dar parte da sua decisão. Quando ali chegou já a notícia tinha sido comunicada pelo telefone e, contra a espectativa de Faruk, fôra bem recebida, e até com entusiasmo. As irmãs estavam radiantes e a mãe já se puzera em comunicação com Jossuf Bey Zulficar, pai da noiva, que imediatamente partiu de avião de Port-Said, onde se encontrava, para o castelo de Montaza.

À chegada dêste, houve reünião do gabinete perante o qual o rei declarou qual era a sua intenção, declaração que encontrou a aprovação unânime dos seus ministros. Se Sasi Naz não era vardadeiramente de estirpe real, corria no entanto, nas suas veias o sangue de uma antiga família da alta aristocracia, de origem perso-turca. A futura raínha possuia uma perfeita educação europeia; falava francês e inglês sem pronúncia estrangeira e vestia-se pelos últimos modêlos de Paris. Para a corôa do Egipto a letra *F*, traz a felicidade consigo; o rei Fuad atribuia a essa letra um poder sobrenatural e Faruk, em conformidade com os desejos paternos, transformou o nome de Sasi Naz, em Farida; as irmãs chamam-se respectivamente Faivziya, Faiza, Faika e Fathiza e o berço Luís XVI, para o futuro herdeiro da corôa, já está encimado pela letra *F* em oiro. A maioria das mulheres do Egipto vive numa meia reclusão, a-pesar-de muitos dos antigos usos do harem terem desaparecido. Faruk instalou a espôsa por forma absolutamente europeia; pode aparecer em público sem a tradicional venda sôbre o rosto e acompanha o espôso em todos os actos oficiais como raínha, tal como praticam as raínhas da Europa. Estas disposições contrárias aos costumes mahometanos, provocaram, como era de esperar, afincada oposição da parte das autoridades eclesiásticas mas, a-fim-de não ofender as tradições do país, o casamento realizou-se em absoluta conformidade com o ritual mahometano. A criança que, dêste par real, acaba de nascer foi também submetida ao ceremonial religioso tradicional. Se fôsse do sexo masculino haveria duplos festejos, visto ser esperado no mês de Ramadan. Há 1968 anos Cleopatra, raínha do Egipto, filha única de Ptolomeu, para não figurar no cortejo triunfal do imperador romano Octávio Cesar, como prisioneira de guerra, preferiu a mordedura mortal de uma serpente.

Com a sua morte o Egipto perdeu a sua independência e foi convertido em província romana. No ano 641 da era vulgar foi o país conquistado por Mahomed e em 1914 caíu nas mãos poderosas da Grã-Bretanha, conquistando por fim novamente a sua independência há pouco mais de um ano. A princezinha que veio há dias, ao mundo, filha de Faruk e de Sasi Naz, é a primeira herdeira do trono que, há quási dois mil anos, vê a luz num Egipto independente e feliz.

ADOLFO BENARÚS.

Raínha Farida do Egipto

Paisagem egípcia

UMA atriz célebre, em *tournée* pela América do Norte, tentou precaver-se contra os ladrões. Para acautelar um riquíssimo colar de diamantes, meteu-o numa gaveta com êste letreiro: «Podem levá-lo. E' uma imitação. O verdadeiro tenho-o depositado num banco de Londres».

Quando voltou, o colar tinha sido roubado e no seu lugar êste bilhete: «Muito obrigado pela informação. O ladrão que trabalha nesta área está ausente. Como sou apenas um dos seus mais modestos ajudantes, contento-me com esta imitaçãosinha».

■

Um médico ilustre, mas distraído, visita uma doente, boa criatura, mas muito estúpida.

O clínico examina a enferma, aplica-lhe o termómetro, receita e sai.

No dia seguinte volta. Quando ia para saír diz-lhe a doente:

— O' senhor doutor... Quando é que eu poderei tirar aquêle vidrinho que V. Ex.ª me deixou ontem aqui debaixo do braço?

■

Uma senhora repreende um filho que embirra com uma criada, por sinal muito gentil.

— Devemos ser amaveis com quem nos serve. Não gostas da Maria?

— Não, mamã — replica o pequeno — o que eu gostava era de lhe beliscar a cara como o papá lhe faz às vezes.

■

Um rapaz, tendo vivido sempre em Mafra, preparava-se para vir a Lisboa pela primeira vez.

O pai, velho avarento, diz-lhe:

— Se eu te der algum dinheiro para gastares enquanto lá estiveres, prometes não entrar em casas de jogo, nem fazer estroinices!

— Prometo, meu pai.

— Bem, pega lá cinco escudos, e toma muito cuidado.

■

Entre amigas:

— Fazes lá ideia! O Alfredo é um bandido! Ontem, para o experimentar, disse-lhe que tudo estava acabado entre nós, e que eu, para êle, passaria a ser apenas uma irmã...

— E êle?

— Pediu-me logo o carro emprestado para levar outra rapariga a passear...

Como deseja o cabelo; mais comprido, mais curto?...
— Mais curto não!... O senhor está enganado!... Eu não sou a minha mulher!!!...

■

O pai: — E' tempo de pensar no futuro, meu filho.

O filho: — E' possível, mas não hoje. Como a minha noiva faz anos, tenho de pensar é no presente.

■

— Dizem que as morenas têm um temperamento mais meigo do que as louras...

— Não me parece... Minha mulher tem sido ambas as coisas, e francamente nunca lhe notei a mais pequena diferença.

■

O amigo da família para a viuva inconsolável:

— Segundo me consta, o Esteves deixou um bom seguro de vida.

A viuva, por entre lágrimas:

— E' verdade. Resta-me essa consolação. Assim, o meu querido marido vale mais depois de morto do que enquanto foi vivo.

■

— Qual é a diferença que existe entre o capital e o trabalho?

— Apenas esta: o dinheiro que emprestamos representa capital, e tornar a alcançá-lo representa trabalho.

■

Numa pensão, a dona da casa pede socorro a um dos hospedes:

— O sr. Silva, acuda aqui...

— O que é? — pregunta o hospede — morreu alguém?

— Não, senhor. E' que anda um rato na dispensa.

— Ora a pouca sorte do rato! Olhe feche-o lá dentro que o desgraçado vem a morrer de fome.

■

O marido irritadíssimo:

— Outro chapeu novo?! Quando acabarás tu com essas compras inuteis, sob o pretexto de serem baratas?

— Descansa, filho — responde a mulher com a maior calma — que êste chapeu não foi nada barato.

■

Numa mercearia:

— Os três presuntos que comprei há tempos, saíram muito bons.

— Pois ainda tenho uns dez da mesma qualidade.

— Ah, sim? Se me garante que são do mesmo porco, levo mais três.

■

Entre literatos:

— Sabes que o editor regeitou o poema que o António lhe levou.

— Foi mal feito. O negócio estava quási fechado.

— Sim, mas o António vingou-se cruelmente.

— Como?

— Se te parece! O editor leu o poema todo!...

■

O juiz para a testemunha:

— Como se chama?

— Isaura Ferreira.

— Idade?

— Trinta e quatro anos.

— Profissão?

— Criada de servir.

— O que sabe?

— Sei o trivial. Cozinhar, lavar, engomar, e alguma coisa de costura.

■

A velha amiga da família para o bébé:

— Luizinho, se me deres um beijo, dou-te um tostão.

— Mais do que isso me dá a mamã para eu tomar o óleo de figado de bacalhau!

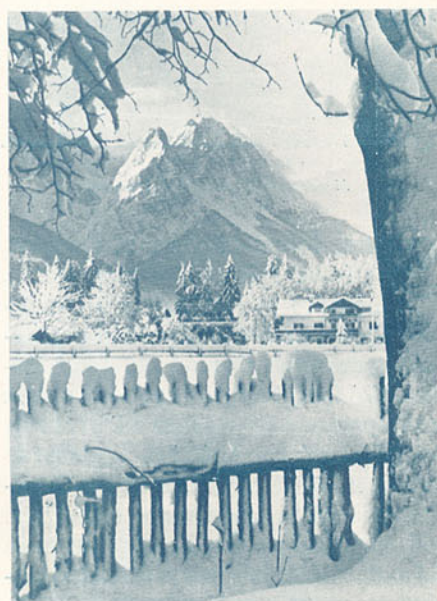
— Ouve, pequeno, viste hoje o meu secretário?
— Vi, sim siôr... Vi-o antes do papá almoçar, mas depois nunca mais apareceu...

PARA ALÉM-FRONTEIRAS

Um elefante do Zoo Hagenbeck, de Hamburgo, tirando de um rio um carro blindado durante as últimas manobras militares alemãs

Uma coluna japonesa avançando sôbre Hankeu, após um furioso bombardeamento que causou muitos milhares de mortos

Moda pouco elegante: graças à mica, as senhoras podem agasalhar as pernas sem deixarem de as mostrar

Mr. Bonnet, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, e Mr. Ribbentrop, após a assinatura da declaração franco-alemã

Um curioso aspecto das montanhas da Baviera em que a neve produz efeitos verdadeiramente maravilhosos

O desfile das tropas hungaras em Komarom, após a cedência dos territórios que a Checoeslováquia acaba de entregar à Hungria

O regente Horthy e sua esposa assistem à cerimónia da posse da cidade histórica de Kassa entregue há dias, pela Checoeslováquia á Hungria

ECOS DE ALÉM-ATLANTICO

BRASIL E PORTUGAL

Três monumentos afirmam no Rio de Janeiro a grandeza da Raça Lusitana

Monumento de Almirante Barroso

SOMOS, incontestàvelmente, um povo agrícola. Três séculos atrás éramos um povo de marinheiros como, anteriormente, havíamos sido um povo guerreiro, guerreiro pela fôrça das circunstâncias. Vizinhos dum país que teve sempre como preocupação máxima dilatar as suas fronteiras até ao Atlântico, englobando esta faixa de terra que se chama Portugal, durante muitos séculos o principal objectivo político dos governantes lusos foi o de manter integras as fronteiras herdadas por Afonso Henriques ao rei de Leão e depois ampliadas em vitórias sucessivas contra a moirama. Assim, quando no princípio do século XIV, depois das temerárias pretensões do "Africano", à coroa de Castela que terminaram no desastre de Tóro, Portugal conseguiu, finalmente, impôr o respeito ao povo vizinho iniciamos um ciclo de vida histórica abrindo novos recursos à civilização europeia. O Oceano imenso atraía-nos. Projectados no extremo ocidental da Europa, melhor do que nenhum outro povo "compreendíamos" a existência de terras para lá da linha baça do horizonte... Henrique, o Infante de Sagres, lançára a semente. As minúsculas náus desafiando as iras de Neptuno, as ameaças dos piratas argelinos que prolongavam o seu campo de acção até às costas de Portugal, lançavam-se, ousadamente, no Oceano misterioso. E os homens que iam dentro delas punham cheios de fé e de esperança os olhos em Deus.

Foi assim que descobrimos o Brasil. Foi ainda pelo heroísmo feito de sofrimento que os bandeirantes portugueses desbravaram os sertões do novo continente. E foi por último ao serviço da civilização, que realizamos em terras de Santa Cruz a maior obra de colonização que ainda hoje a história regista. Não admira, pois, que sejam sempre fortes, e eternos, vencendo a distância longínqua de Portugal ao Brasil, os laços de amizade que unem as duas pátrias irmãs na língua, nos sentimentos e no sangue.

Quem melhor do que os portugueses para sentir a vibratilidade da alma brasileira; a pujança do seu sólo riquíssimo; a energia duma nova raça estuante de seiva, formidável na obra grandiosa com que está contribuindo para o engrandecimento da civilização!... E também ninguém melhor do que os brasileiros para admirarem de joelhos em terra, a enormidade da epopeia lusa tão grande que abarca o mundo e deixa boquiaberta as modernas gerações quando se debruçam sôbre a história dum povo que "novos mundos deu ao mundo".

Tem o Brasil mantido sempre bem viva a chama do amor que dedica a Portugal, impossível deixar de existir quando dois países têm durante mais de três séculos a mesma história, em que os heróis portugueses são, simultaneamente, heróis brasileiros, quando a chama da ciência que brota do cérebro de um génio, se projecta imediatamente no outro lado do Atlântico; quando a língua nacional tem o mesmo valor e igual harmonia cantada à beira do Mondego ou nas margens floridas e poéticas da ilha de Paquetá.

O Rio de Janeiro é uma cidade cheia de monumentos, homenagem a heróis que souberam guindar o Brasil moço ao nível das grandes potências do século XX. E é bem verdade que no momento de prestar justiça, o sentimento brasileiro não se apaga em frente da certidão de idade estrangeira do herói. Êste facto testemunha o alto grau de civismo do povo irmão, e é mais uma prova de que a Pátria do imortal Rui Barbosa não encerra as suas fronteiras a quem as buscar e dentro delas se torne um elemento de progresso e trabalho.

Monumento de Eça de Queiroz

O primeiro português a pisar as terras de Santa Cruz, foi Pedro Alvares Cabral, romeiro dos mares. E logo desfraldou velas e veio, Atlântico acima, alviçareira duma grande nova, a mais ligeira das caravelas do glorioso almirante. O Brasil descoberto nesse momento para a civilização pagou mais tarde, quando nação já senhora dos seus destinos, a dívida de gratidão contraída com o destemido marinheiro. A sua estátua lá está, em frente à formosíssima baía do Guanabara. Cabral, de joelho em terra, segura vitorioso a bandeira dos descobrimentos e das conquistas que lhe dera el-rei D. Manuel justamente cognominado o "Venturoso".

Até há pouco tempo a sua estátua erguia-se num sítio ensombrado da Praça da Glória, de costas voltadas para o mar. A sua beleza arquitectónica, o conjunto dos mareantes que acompanham em bronze eterno a imortalidade do famoso almirante escalabitano, não tinha a projecção requerida. Perto chiavam os "eléctricos". Não havia ambiente apropriado à alta significação da homenagem prestada ao grande descobridor do Brasil. Porém, o actual prefeito do Rio de Janeiro, professor dr. Henrique Dosdworth, desejando reintegrar a estátua de Pedro Alvares Cabral, em cenário mais condigno com a sua homérica façanha, determinou a sua remoção para a margem da formosa Guanabara, em ponto onde as águas atlânticas lhe venham beijar o sopé e de forma que os viajeiros, ao entrarem na linda baía, possam admirar o bloco que representa Cabral, ajoelhado na terra morena da América do Sul!

A estátua do grande marinheiro do rei "venturoso", é para os portugueses e brasileiros que vivem no Rio de Janeiro, uma das mais brilhantes páginas da nossa história comum, e que vencendo o rodar dos séculos afirmará ao mundo a imortalidade da raça lusitana projectado "per omnia secula" no colosso da América do Sul.

Os brasileiros homenageando Pedro Álvares Cabral saldaram uma dívida de gratidão e, continuando a honrar a memória do glorioso marinheiro, dão às gerações vindouras um alto exemplo de civismo.

Portugueses há que todos os domingos vão em romagem histórica junto do monumento do grande almirante e ali ensinam aos seus filhos o que representa essa alta figura lusitana, a quem a Pátria deve uma das suas mais belas páginas de glória: o Brasil.

* * *

Era Imperador do Brasil, o sábio Dom Pedro II, quando Lopez, o ditador do Paraguai, rompeu as hostilidades contra a Argentina, o Uruguai e o Brasil coligados. A um português foi dado o comando da esquadra brasileira que actuava nas águas do Paraguai. Chamava-se Barroso, natural de Lisboa e tinha a patente de almirante. Na batalha de Riachuelo, a 11 de Junho de 1875, a armada brasileira, sob o seu comando, cobriu-se de glória. Pode dizer-se que êsse triunfo decidiu a sorte das armas.

O herói de Riachuelo, ao lado de Tamarandé, são as figuras mais representativas da armada brasileira. Em paga de tão grandes serviços o Brasil deu a Barroso honrarias e distinções e a posteridade ergueu-lhe uma estátua perto daquela onde se eternisa em bronze Pedro Alvares Cabral.

O nome de Barroso foi escolhido para presidir ao "Dia do Marinheiro Brasileiro" e perante o monumento que se ergue na praia do Flamengo, desfilam sempre, na data do aniversário da batalha do Riachuelo, as fôrças armadas do Rio de Janeiro, numa grande homenagem à memória de quem foi um ilustre português servindo o Brasil.

* * *

Eça de Queiroz, também tem um monumento na "Cidade Maravilhosa". O Brasil culto, o Brasil intelectual não podia deixar de prestar a sua homenagem ao mais extraordinário dos romancistas portugueses dos últimos 100 anos. A sua pequena gloriêta na Praia do Botafogo, é uma prova de quanto o imortal autor dos "Maias" foi e é querido em terras irmãs. A personalidade de Eça é familiar a todos os brasileiros. A geração com mais de 40 anos conhece de cor algumas das suas mais belas páginas. As figuras criadas pelo génio do imortal escritor são íntimas dos que uma vez leram o "Primo Basílio" ou a "Ilustre Casa de Ramires".

Andaram bem os intelectuais brasileiros associados ao grande público em erguer êsse simples monumento, página aberta de gratidão a Eça de Queiroz.

Quantas vezes depois de um dia de trabalho exaustivo portugueses e brasileiros vão em romagem espiritual junto do monumento ao divino Eça e ali se quedam longo tempo rendendo preito de gratidão a quem deixou páginas de intensa análise aos costumes duma época que legou às letras portuguesas um pugilo de grandes escritores.

Eça de Queiroz continuará a ser admirado nesse Brasil enorme, tão cheio de sol, de vida, de prosperidade e de progresso.

* * *

Dentro em breve outro se levantará numa das praças do Rio de Janeiro: a Luís de Camões, o imortal cantor da nossa epopeia. Tomou a patriótica iniciativa dêste preito de homenagem, o comendador Nicolau Guimarães, figura a todos os títulos ilustre da colónia portuguesa, homem duma extraordinária têmpera e duma perseverança verdadeiramente portuguesa. Director do Asilo Dom Pedro V e da Caixa de Socorros Luís de Camões, duas das mais altruísticas instituïções de beneficência do Rio de Janeiro, o comendador Nicolau Guimarães só descançará quando vir transformada em realidade o seu sonho acalentado há longos anos. Tôda a colónia portuguesa confia inteiramente na sua dinâmica acção tantas vezes posta à prova. O "Correio Português", sucessor do "Diário Português, jornal que superiormente dirige como seu proprietário, é o arauto onde Nicolau Guimarães, dia a dia, infatigàvelmente, se bate pela construção do monumento a Luís de Camões. Cabe agora ao govêrno brasileiro secundar a iniciativa do ilustre português, permitindo que sejam vencidas tôdas as peias burocráticas e à colónia lusa em terra irmã, ajudar a transformar numa feliz realidade o que é desejo de todos. Seria — temos de convir — um lindo número das festas comemorativas do duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal na capital do grande império brasileiro a inauguração da estátua ao imortal épico, ao glorioso cantor de "Os Lusíadas". Aqui deixo o alvitre que sei contar com os votos de todos os portugueses que vivem com os olhos postos na grandeza da nação irmã, o glorioso Brasil.

Monumento de Pedro Alvares Cabral

ARMANDO DE AGUIAR.

Ecos do Congresso Internacional da Vinha e do Vinho

O Claustro do Museu

Uma visita ao Museu de Cascais

A Comissão Executiva do V Congresso Internacional do Vinho e da Vinha que há pouco se realisou entre nós com invulgar êxito e interessante repercussão no estrangeiro, teve a feliz inspiração de incluir no programa oficial das excursões, de acôrdo com a Câmara Municipal de Cascais, uma visita dos congressistas ao Museu do Conde de Castro Guimarães, legado a esta vila pelo benemérito que tinha êste título.

O característico e inconfundível aspecto exterior do Palácio, a sua privilegiada situação sobranceira ao mar, com o qual pode comunicar directamente, os seus floridos jardins com a pequena capela própria, o extenso parque de belos arruamentos, os luxuosos salões que encerram tantas e tão preciosas maravilhas, têem sempre merecido as mais lisonjeiras referencias aos numerosos estrangeiros que o têem visitado.

Também desta vez os participantes do Congresso, manifestaram a sua inteira satisfação, publicamente exteriorisada através de um interessante artigo, profusamente ilustrado, que a propósito do mesmo Congresso inseriu, num dos seus últimos números, «L'Illustration», a categorisada revista de Paris, e de que com praser transcrevemos o curioso trecho que se lhe refere.

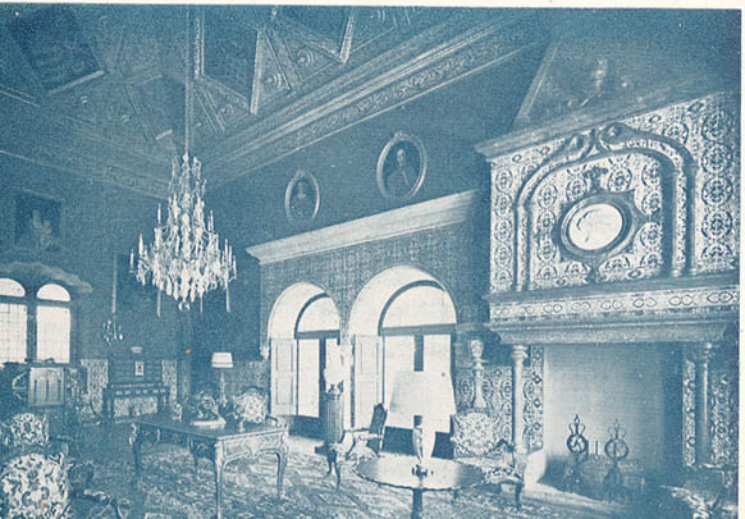
«Em Cascais visita ao Palácio do Conde de Castro Guimarães, hoje legado ao Estado, um claustro adorável, uma biblioteca a fazer revolver-se no seu tumulo o bibliofilo Jacob e, sobretudo, um salão de música do mais puro português, grandes paneis de purpura, retratos antigos, o tecto com doirados de uma magnificência igual à do Palácio de Sintra, visto nessa manhã.

Mas eis que uma voz se eleva, muito pura, equilibrada, esplendida, um concêrto de canções populares nos foi oferecido, nêste quadro único, pela cantôra de Lisboa, Arminda Correia, algumas delas melancólicas, outras, mais raras, diabólicamente alegres, de um vivissimo rítmo, e pouco a pouco, com o crepusculo que vem caíndo, todo o Portugal se revela, nos seus sonhos, nos seus amores, na sua alegria, enfim em tôda a sua alma».

Foi nêstes deveras expressivos têrmos que o interessante *magazine* francês interpretou a excelênte impressão causada aos tresentos congressistas, em que estavam representadas catorze nacionalidades, na sua visita ao Museu de Cascais.

Várias e interessantes modificações têm sofrido ultimamente êste Museu, melhor aproveitamento das suas instalações, novas salas entre as quais a que fica com o nome do dr. José de Figueiredo e em que se expõem as valiosas obras artísticas que por êle lhe fôram legadas, mais inteligente disposição dos milhares de objectos a expôr, obra esta a que a sua Comissão Administrativa, à frente do qual se encontra o Presidente do respectivo Município, tem dedicado o melhor da sua vontade.

A curta distância da capital, numa privilegiada região turística, o Museu do Conde de Castro Guimarães representa um valor cultural de alto relevo que deve ser tão visitado e apreciado dos portugueses como o tem sido dos estrangeiros que por lá têem passado.

O Salão Nobre onde se realisou o concêrto

Os Vinhos Verdes

Os nossos inconfundíveis vinhos verdes que não têm em qualquer outro País nenhum que se lhes assemelhe, despertaram entre os Congressistas, de muitos dêles desconhecidos, o mais vivo e justificado interêsse.

A sua levesa, frescura, o picão, e ainda a sua baixa graduação alcoólica que permite tomá-lo em quantidades apreciáveis, sem o inconveniente da embriaguês, tornaram-no um produto de eleição hoje muito apreciado, não só entre nós como lá fora, pelo que a sua exportação, que já tinha vida no século XVI, atinge actualmente importantes quantidades.

Como os demais Organismos oficiais e corporativos a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes que tem a seu cargo a organisação e disciplina da produção e comércio dêstes vinhos, apresentou-se na Exposição Documentária, realisada no Casino Estoril, com uma elucidativa instalação em que figuravam um mapa e dois gráficos de minuciosos dados sôbre a sua produção e consumo nos principais centros do País, e quantidades entradas no Entreposto destinadas à exportação.

A circundá-los viam-se ainda quadros emoldurados, com artísticas ampliações fotográficas de cachos de uvas das diferentes castas produtoras dêstes característicos vinhos, cujas amostras, tinto e branco, se encontravam em garrafas e em dois elegantes barrilitos de vidro.

O Moscatel de Setubal

«A quinta essência dos vinhos licorosos quando velho é meduloso sem ser doce, perfume complexo, etéreo e agradabilissimo, e uma grossura que não impede a lágrima no copo e a deglutição fácil», tais são os sugestivos têrmos em que a êste precioso vinho se referiu em 1929, o ilustre professor Rasteiro.

A União Vinícola do Moscatel de Setubal, apresentou-se na Exposição do Estoril com uma iustalação que, marcando pela sua originalidade, era bastante elucidativa. Na parede, uma linda foto-montagem dos artistas

Américo Nunes e Benoliel, com perto de oito metros quadrados, reprodusia o trabalho das vindimas, vendo-se no primeiro plano, em apreciáveis dimensões, gentis vindimadeiras ocupadas na sua faina.

Sôbre uma mesa coberta de panos regionais encontravam-se um bem delineado mapa indicativo da região demarcada, uma linda aguarela em que se vê um vapor atracado ao cais carregando barris e caixas dêste vinho para a exportação, com os respectivos gráficos, que hoje atinge já quantidades consideráveis, e ainda os dois barrilitos de vidro contendo as amostras, um de vinho corrente e o outro de vinho de reserva.

COISAS PEQUENAS, GRANDES EFEITOS

HÁ épocas na vida das criaturas, como na vida dos países em que tudo contribui para as diminuir, para as tornar mais dolorosas e mais difíceis.

Outras épocas, tudo se torna florido na estrada da vida, tudo são sorrisos e alegrias, e, a felicidade espreita por tôda a parte, introduz-se quási, sem que, por isso se dê, e, a vida torna-se deliciosa para as criaturas humanas, ou grandiosa para os países que atravessam uma era de felicidade.

Portugal está actualmente nêste caso e parece que as bençãos do Céu caíndo sôbre o nosso torrão pátrio fazem cair sôbre êle a atenção do mundo.

Houve tempo em que quási desconhecidos, esquecida a nossa incomparável história, a obra de civilisação extraordinária de nossos maiores, que com os descobrimentos e navegações fizeram a descoberta do mundo até ali ignorado para os europeus, e trouxeram ao país, grandeza e ao mundo assombro, por feitos espantosos; quando além fronteiras nos diziamos portuguezes insistiam se eramos espanhóis; com revolta e indignação de quem se orgulha de pertencer a um país que se é pequeno na Europa é grande, muito grande, mesmo, no mundo.

Hoje, já assim não é, somos conhecidos na Europa, como já o eramos no Oriente e podemos dizer que Portugal é descoberto actualmente por milhares de estrangeiros, como o atestam as continuas e numerosas excursões, que todos os dias, se pode assim dizer visitam o nosso país.

Portugal está em moda e como pelo mar é de fácil acesso, nem a guerra de Espanha, que nos cortou durante um tempo as comunicações terrestres com o resto da Europa, fez com que diminuisse a corrente de turismo que felizmente, nos torna cada vez mais conhecidos e estimados no mundo civilisado da velha Europa. A beleza das nossas paisagens, a afabilidade do nosso povo, a suavidade do nosso clima, o sabor delicioso dos nossas frutas, e o encanto da exuberância e côr das nossas flores, têm contribuido para espalhar o conhecimento do nosso país, e os excursionistas que o visitam, proclamam um dos mais belos e interessantes do mundo.

Os nossos trajos regionais tão belos alguns e tão graciosos, são sempre apreciadíssimos e podemos dizer que não pouco têm contribuido para tornar conhecido o país.

Pequena coisa talvez, para alguns espíritos, que não compreendem que as pequenas coisas, são muitas vezes grandes, e que êsses lindos trajos de varinas, e, sobretudo os das lavadeiras dos arredores de Viana do Castelo, têm contribuido muito para tornar conhecido Portugal.

Esses lindos tecidos de côres vivas e brilhantes que as raparigas de Santa Marta, Carreço e Afife, graciosas e artistas, tecem à porta das suas brancas casinhas, que a madresilva emoldura ou contemplando ao longe e extensão do Oceâno, que as veigas cultivadas até à sua orla de branca espuma, embelezam, têm contribuido para despertar a curiosidade dos extranhos, porque se sente nêsses tecidos, que há um ambiente de grande beleza e de estética, forçando-as a produzir coisas belas e artísticas.

No linho branco das camisas, sente-se a doçura duma paisagem idílica, que as florinhas azuis do linho tornaram deliciosamente poetica, como a simbólica florinha azul do sentimento, tão espesinhada e emurchecida pelo materialismo duma época, mas que simbólica como é; têm quási a fôrça da natureza e recomeça a esmaltar os campos do sentimento, aqui e ali, como as florsinhas azuis do linho, os campos do norte de Portugal.

Esse linho branco e belo que os bordados azuis e vermelhos feitos pelas mãos graciosas, que empunham quando é preciso, com graça e valor, o aguilhão que esperta os bois, ou com fôrça e energia o arado que rasga a terra para das suas entranhas arrancar o pão que dá fôrça e saúde, e, o encanto de quem o vê, como os lenços franjados que atráem também a atenção e pequenas coisas, têm sido de grande efeito para a propaganda do país, tornando-nos conhecidos.

Este ano durante a «season», uma senhora ingleza tornou Portugal alvo de curiosidades apresentando-se em público vestida com o traje regional do norte do país.

Viajante intrepida Lady Isabel Blunt-Mackenzie, filha única da condessa de Cromartie e do tenente-coronel Blunt-Mackenzie, tem percorrido o mundo. Conhece a Africa, a América, a Persia, e sempre curiosa de paisagens novas de costumes diferentes, passa a maior parte da sua vida numa contínua agitação, sendo poucos os mezes que passa na Escócia, no solar paterno, próximo de Kildary, onde chega carregada das mais extravagantes coisas que tornam a sua bagagem incómoda e até perigosa.

A sua chegada do Egito, trazia alguns crocodilos que destinou a um dos lagos da sua propriedades, bagagem aterradora para quem se aproximasse dos horríveis animais.

Da ilha da Trindade, trouxe uma não menos incómoda bagagem, mas pelo menos mais pacífica, tartarugas terrestres, que no seu exotismo contribuirão para tornar famoso o seu parque, em breve com uma fantástica e nem sempre agradável fauna.

Da sua estada em Portugal, levou a jóvem e bela viajante uma bagagem mais interessante e que contribuiu para pôr em destaque a sua beleza e tornar conhecido o nosso país, porque tôdas as raparigas bonitas da sociedade de Londres, desejaram possuir um trajo de minhota para realçar a sua graça.

Damos alguns aspectos de Lady Isabel com o seu trajo, que não usa com o rigor que seria para desejar, o que choca um pouco quem está habituada, como eu, a ver a graça com que as raparigas do Minho, usam garbosamente o seu lindo trajo, graça inimitável como tudo o que é espontâneo e natural.

No trajo de Lady Isabel nota-se a falta do lenço no peito, o pouco ouro, que é o ornamento imdespensável duma lavradeira rica, a maneira de por o lenço completamente diferente da usada pelas minhotas que o atam no alto da cabeça, formando as franjas diadema e moldura, aos rostos graciosos.

Outra falta enorme é que a aristocrata inglesa apresentou-se de pé descalço o que nunca uma lavradeira faria com o seu trajo de luxo. Faltam-lhe as lindas meias rendadas, brancas como a neve a que nastros vermelhos servem de ligas, e, a chinelinha de polimento bordada, essa graciosa chinelinha que bate o compasso, ao andar nervoso e desempenado das raparigas das nossas aldeias.

A linda senhora viu certamente as raparigas descalças na sua faina diaria e não teve quem a ilucidasse que no trajo de gala não se admite o pé nú.

Mas apesar de todas essas falhas naturais em quem passa numa província num giro de automóvel sem mais contacto com a população, temos de agradecer a Lady Isabel a propaganda que a sua fresca beleza fez ao trajo regional do Minho, que atraiu a atenção das suas compatriotas, para o nosso país e em muitas senhoras despertou o desejo de conhecer o país onde as camponezas usam um tão belo trajo, propaganda do melhor efeito por ser espontanea, e, natural do feitio artístico dessa joven senhora que sabe viajar, provando-o principalmente nas várias viagens que tem feito no deserto.

Agradeçamos pois á elegante senhora a gentileza da sua propaganda que é das mais interessantes, porque das pequenas coisas vêm grandes efeitos e dos tecidos de côres variegados, que lembram o ceu puro do nosso país, o verde brilhante das nossas arvores, as côres vistosas das nossas flores, saira um fluido que lembrará a todas as jovens que em Inglaterra viram a beleza do seu trajo, que é agradável viajar num país onde o pitoresco existe ainda o que não acontece, nos outros países, que civilisando-se ràpidamente perdem as características do trajo e dos costumes o que faz com que seja interessante visitar novos países e ver aquilo que não estamos habituados a ver, e não a percorrer léguas em terra, milhas no mar, para ver em toda a parte a mesma coisa.

Civilisemos o nosso país, demos-lhe o conforto necessário á vida, tornemo-lo o mais agradável possível ao turista, mas nunca devemos perder o pitoresco dos nossos costumes regionais, que devem ser preservados da infiltração da moda banalisadora, que destroi o encanto poetico dos vestuários das camponezas e lembremo-nos sempre que conservando esses trajos tão interessantes, contribuimos para manter a graça e o encanto do nosso país, aos olhos dos estrangeiros apreciadores de coisas novas e interessantes.

A arte de turismo de que tanto se fala nestes últimos anos consiste em manter o pitoresco e o desusado dentro do civilisado, porque hoje mais do que nunca de pequenas coisas se tiram grandes efeitos. E tudo no-lo indica.

MARIA DE EÇA

PÁGINAS FEMININAS

Novo ano, nova vida diziam os antigos e assim pensam algumas pessoas quando essa vida se modifica para melhor, só temos que bem dizer tal provérbio, que tão bons resultados dá.

Acabou o ano de 1938 mais desanuviado na sua atmosfera política, que tão ameaçadora se mostrava no seu início. Mas a trovoada ronda ainda pelo Oriente em pesadas nuvens carregadas de electricidade, que sacodem os nervos, e, não dão completo sossêgo.

Na Europa após semanas de trágica espectativa, estamos vivendo mais tranqüilamente depois da célebre conferência de Munich, e melhor viveríamos se nalguns países se não fizessem perseguições que entristecem, porque não são duma época aberta e clara em que a inteligência ilumina o mundo, e, em que a fraternidade não devia ser uma palavra vã.

Mas o homem lôbo do homem, nunca conseguirá viver numa vida de paz e bondade em que todos se estimem e auxiliem. As ambições, a falta de fé, a tentação de dominar, estragará sempre a vida das nações e dos homens, que muitas vezes se torturam, matam e desgraçam debaixo do rótulo, de fraternidade e assegurando que o fazem para felicidade dos povos.

Quando a felicidade dum povo consiste na paz com os de fora e na união com os de dentro, numa paz feita de respeito pelos seus próprios direitos e pelos direitos alheios, numa união de esforços, para melhorar as condições morais e materiais dum país, e nunca na matança, na pilhagem e na destruição.

Dentro dum país todos devem trabalhar para o mesmo fim, o seu engrandecimento, o seu progresso material e o que não é menos importante o seu levantamento moral.

Num país onde todos cumpram o seu dever e todos pensem em se unir para tornar mais forte a Pátria, que devem amar, e, mais rica a terra que os viu nascer, há forçosamente paz e há felicidade, mas para que isso seja possível é preciso primeiro que tudo que haja união, e, que os homens trabalhem não só pelo seu interêsse próprio, como também para o bem geral e as mulheres cumpram pela sua parte a sua missão na terra, tratando de melhorar a vida dentro da família e dentro do lar.

E' necessário que os ricos e mesmo os remediados olhem pelos pobres, atendam às suas necessidades, quando não seja por Caridade Cristã, seja por dever cívico, e melhorando a situação a alguns indigentes, cada um segundo as suas posses, concorra para que haja um maior bem estar, uma prosperidade que torne a vida de todos, mais suave e mais bela.

Que o trabalho dos operários seja recompensado pelo seu justo valor e que tôdas as energias sejam aproveitadas, mas não esgotadas, numa exploração da máquina humana. Para que a nossa vida seja bela, tranqüila, feliz, é necessário que à nossa volta tudo seja belo, tranqüilo e agradável.

Porque não há coração humano, que possa ser tão endurecido, que viva satisfeito, quando nada lhe falta pessoalmente, mas à sua volta gemem aqueles que nada têm.

Ajudar os pobres é contribuir para o sossêgo e alegria da nossa própria vida, e, trabalhar para o bem próprio e só assim se compreende que exista a sociedade humana.

Encaremos pois a vida como ela é e conscientes dos nossos deveres, tratemos de a melhorar, trabalhando dentro da nossa situação para que a vida moral e material dos que nos rodeiam, se modifique sempre para melhorar.

E que êste esfôrço se itensifique neste novo ano que se abre diante de nós e que como todos começa com um ponto de interrogação. Será um bom ano, será um mau ano?

É a pregunta que sempre fazemos ao ver começar um novo ano, mas bom ou mau, entremos nêle com confiança e Fé em Deus, com coragem para enfrentar a vida e num propósito de nos melhorarmos e de melhorar a situação dos que nos rodeiam e por quem possamos fazer alguma coisa ajudando-os na vida.

Novo ano, novos propósitos, novas esperanças e assim decorre a vida do homem na terra. E ainda bem que assim é, porque essa esperança de melh res dias, que lhe ilumina o caminho, é que lhe dá a fôrça para lutar e para vencer.

Que essa luta, seja útil neste Novo Ano e que num Portugal novo, cheio de Fé e de Esperança, todos unidos num mesmo ideal de engrandecimento, tenhamos uns para os outros a Caridade, que dá a fôrça e faz a união.

Que o homem forte e poderoso levante mais alto o nome glorioso do país, que a mulher terna e cuidadosa faça mais suave a vida no lar, e que a criança prepare o futuro numa continuïdade sem fim.

E que a paz reine no Mundo tornando-o mais próspero e feliz e que a Fraternidade não seja êste ano de 1939, uma palavra vã, mas sim uma realidade.

MARIA DE EÇA.

A MODA

Variada, cheia de novidades, a moda transformou por completo os centros elegantes, onde ela nasce e se espande imediatamente.

As ruas de Paris e de Londes, se não fôssem as saias curtas, transportavam-nas a 1900, de tal maneira a moda se assemelha à moda nesse tempo, e, como sempre acontece o corpo feminino modificou-se em harmonia com a nova orientação de elegância.

Cinturas finas, ancas redondas, o peito alto, a mulher de 1939 assemelhar-se-há mais a sua, mãi, do que à mulher de 1930.

Penteados, vestidos, chapéus, tudo se filia na mesma linha, tudo tem a mesma orientação, que torna harmoniosa a moda, que pelo menos tende a tornar mais feminina a silhueta da mulher, que nos últimos anos, se tinha masculinizado demasiadamente em suas formas, vestir e modos dando-nos a impressão algumas raparigas, de rapazes que usassem saias.

Algumas senhoras não simpatisam com esta moda sobretudo com os penteados, dizendo que envelheceu, eu não concordo com êste parecer e prefiro ver meninas com um penteado que as carregue um pouco, a ver caras em que a mocidade passou há muito de cabeleirinhas infantis e caracois angelicais, caindo-lhe nos ombros.

Quem é nova sempre o parece e quem já o não é tem de se resignar e tirar o melhor partido da moda, procurando o que a favorece, e, assim está tudo certo.

Damos hoje alguns modelos da última moda e dum grande requinte de elegância.

Para a noite, para grande gala uma encantadora «toilette» de grande luxo e elegância, que pela forma lembra os vestidos de balão e evocam a figura elegantíssima da Imperatriz Eugénia.

O vestido é em «lamé» de prata. Corpete da maior simplicidade. A saia muito ampla e dum corte elegantíssimo. Todo o vestido «voilé» de côr de rosa com graciosos motivos de galão de prata. O penteado muito simples de risco ao meio, o mais Imperatriz Eugénia possível; é guarnecido com duas camélias côr de rosa. E' uma linda «toillete».

Para jantar temos uma diliciosa blusa em «crepe chiffron» preto. Leve delicada, feminina é dum encantador efeito. As mangas curtas são ajustadas ao braço por um canhão de preguinhas, que forma um folhinho, duas bandas de preguinhas guarnecem-na de alto a baixo de cada lado do «jobot» que forma a frente da blusa.

A gola é feita por uma tira que ata num laço e é apertada de cada lado por dois «clips» em brilhantes. E' usada sôbre um fôrro de setim branco e com saia de setim preto.

O penteado é do mais moderno estilo e elegantíssimo, deixa livre a nuca a as pontas do cabelo armam em graciosos caracois no alto da cabeça.

A blusa pode ser usada debaixo dum casaco de abafar e ficará muito bem com um «tailleur» de côr clara ou côr viva.

Para a tarde e para jantar um elegante vestido em veludo de seda violeta de parma, a côr preferida da falecida raínha Alexandra, êste vestido é do estilo a que os ingleses chamam Eduardiano.

O alto do corpo é todo em franzidos e tem gola alta, os punhos e a borda da saia são guarnecidos por uma «ruche» franzida, o cinto no mesmo veludo fecha com uma linda fivela. O chapéu é uma choux de plumas roxas e guarnecido com um veu na mesma côr.

Para abafo, casaco em «Persian Camb», preto, guarnecido nas mangas a raposa «argentée» acompanha-o regalo em raposa, formando um conjunto elegantíssimo. Chapéu em veludo preto guarnecido de penas género «conteaux».

Capa rica em «vison» da maior simplicidade esta capa tem a vantagem de poder ser usada com uma «toillete» de noite. Chapéu em feltro guarnecido com passarinhos pretos e um amplo veu que cai pelas costas.

TESOURO DESCOBERTO

Como nos antigos contos descobrem-se ainda no mundo antigos tesouros ocultos, o que é para admirar perante a febre da procura de ouro, que tem feito o homem remover a terra para o encontrar.

Num ponto da costa australiana, chamado Queenseliff, um mergulhador indígena descobriu a caverna onde o pirata espanhol Benito escondeu no século XVIII um valioso tesouro avaliado em cêrca dum milhão.

O tesouro fruto das proezas dos corsários na costa da América Central consistia de duas estátuas de ouro de tamanho natural, roubados por Benito na Capital do Perú.

A notícia da descoberta da caverna interessou sobremaneira os financeiros australianos, os quais formaram imediatamente um sindicato, para recuperar o tesouro, um mergulhador escafandro, trabalha já há algumas semanas em Queenseliff, para descobrir uma passagem que leve à caverna. Até agora, porém, os seus esfôrços têm sido infrutíferos e os trabalhos estão suspensos à espera que ali chegue um poderoso reflector submarino, que ilumine bem a costa e permita descobrir a passagem aos trabalhadores, que conduzirão as estátuas.

MEIAS DE SEDA

Estudos feitos recentemente sôbre a história do trajo, fixaram a atenção dos investigadores sôbre um objecto muito importante do vestuário, e, que para as senhoras tem a maior importância: as meias.

Até ao século XVI na Europa não se conheciam as meias de seda, sòmente meias de lã e algodão cobriam as pernas dos europeus, mesmas as reais e imperiais pernas.

O primeiro a enfiar um par de meias de seda foi Henrique VIII de Inglaterra, que as recebeu como precioso presente dum príncipe espanhol.

As senhoras continuaram a usar modestamente as meias de lã ou de algodão, até que a raínha Isabel, filha de Henrique VIII, subiu ao trono de Inglaterra e lançou a moda das meias de seda para as senhoras.

A capital das meias de seda, em França, é Iroeges, velha cidade histórica que muito tem interessado os investigadores, que se dedicam à história das meias.

Não se têm poupado a estudos para estabelecer a data de nascimento dêsse produto que fez a riqueza desta pequena cidade e que ainda hoje dá trabalho e riqueza àquela região.

Segundo estes historiadores as meias de seda farão dentro em pouco o seu aniversário natalício, sendo o seu aparecimento em 1537, têm portanto quási quatrocentos e dois anos.

E não se sentem envelhecidas com êsses anos, quando revestem umas bonitas pernas, e, se mostram em todo o seu esplendor.

Há pois quatrocentos anos que a mulher usa as meias de seda, mas nunca elas se usaram tanto como agora e nunca se mostraram em saias tão curtas.

A meia de seda é uma linda coisa e fica bem a qualquer senhora, mas para ter encantos, deve ter o seu mistério, como tudo neste mundo, e não vede ser exibida com tanta liberdade, como o é actualmente.

Conservemos o seu uso mas sejamos discretas nesse uso, o que será interessante para as meias, e mais distinto para as senhoras que as usam.

HEGIENE E BELEZA

A beleza do cabelo tem sido reconhecida sempre como uma das que mais contribuem para o esplendor da mulher e hoje mais do que nunca se reconhece o encanto dessa beleza mas nem sempre êsse reconhecimento, leva a torná-la maior.

Actualmente há a mania de pintar o cabelo, o pretexto, em geral, são umas brancas que quási adivinham, e a realidade é que a mulher o que deseja é variar e embelezar-se, o que nem sempre sucede, porque se à primeira aplicação o cabelo fica lindo, com a continuação queima-se e definha.

O cabelo para ser sempre bonito e abundante não deve ser torturado com frisados nem pinturas, tem de ser tratado com cuidado, lavá-lo uma vez por mês, escovado uma vez por dia e aplicar-lhe duas vezes por semana, brilhantina ricinada, abrindo riscos e aplicando com uma pequena escôva.

Seguindo êste sistema conserva-se tôda a vida uma linda e abundante cabeleira.

DE MULHER PARA MULHER

Chica! Não creio que faça bem em tomar essa resolução sem consultar a sua mãi. Já que tem a felicidade de ter junto de si essa conselheira, a melhor que pode ter, consulte-a ainda mesmo nas pequenas coisas quanto mais num assunto dessa importância e que ela melhor que ninguém poderá esclarecer. E não se precipite.

Violeta: Pelo contrário deve insistir e não ceder um palmo de terreno conquistado.

Se há coisas em que a mulher tem o dever de conciliar e ceder, pondo de parte a sua vontade, quando se trata da dignidade da família e da consciência, tem de ser calmamente firme e não ceder.

Evite discussões e pela dignidade da sua atitude vencerá e talvez consiga que êle volte ao caminho direito.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 20

(Totalidade — 17 pontos)

QUADRO DE HONRA

Ti-Beado, Siulno, Rosa Negra, Erebelo, M. A., P. M., Felix Lobato, Mr. Moto, Tripa Mágica, Sir Bay, Alvarinho, Eusapesca, Barão Y, Ramon Lácrimas, Dama Negra, Mirna, Infante e Sol de Inverno.

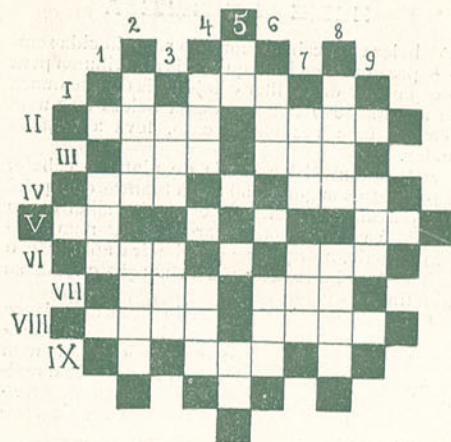
QUADRO DE MÉRITO

Tarata, Anjo das Serras, Visconde X, Agasio, Diriso, Sevla e Francisco J. Courelas — 13. J. Tavares Pimpas, D. O. X., Tarata e Cigano — 11. Aureolinda, Doris I, Larabastro e Serrano — 9. Américo Dias — 6

DECIFRAÇÕES

1 — Velhaco. 2 — Engangento. 3 — Ovídio. 4 — Fédora. 5 — Respe-respe. 6 — Sosano. 7 — Sagrado. 8 — Vaca. 9 — Terramoto. 10 — Decoroso. 11 — Mo(fi)no. 12 — Ma(dras)ta. 13 — Bu(si)lhão. 14 — Vi(o)la. 15 — Vi(ro)so. 16 — Argomas. 17 — Do mal guardado come o gato.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 1

HORISONTAIS:

I — Íntimo.
II — Afeição; faísca.
III — Época; Salvé.
IV — Partes iguais; cartel.
V — Graça; nociva.
VI — Lá; canta.
VII — Poesia; sofrimento.
VIII — Uni; elevada.
IX — Ente.

VERTICAIS:

1 — Altar.
2 — Assim seja; qualidade.
3 — Agora; partida.
4 — Cólera; aqui está.
5 — Certo; o ser consciente.
6 — Reza; entregar.
7 — Insignificância; génio.
8 — Leal; nascimento.
9 — Aia.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 29

PALAVRAS CRUZADAS

A partir do presente «Desporto» e nos números referentes aos primeiros dias de cada mês será publicado um problema de palavras cruzadas.

Aos produtores será atribuido, gratuitamente, um exemplar da «Ilustração», por cada problema publicado, em igualdade de circunstâncias com os autores dos «*desenhados*». Para os decifradores será sorteada uma obra literária no valor de 10$00.

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS LITERÁRIOS EM CADA TRIMESTRE NESTA SECÇÃO

Conforme anunciámos no passado número, damos a seguir o modo de conferição de prémios aos colaboradores dêste «Desporto».

DECIFRADORES

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de 12$00 a 15$00, ao decifrador que maior número de pontos obtenha durante o referido trimestre, recorrendo-se ao sorteio em caso de empate.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 10$00 a sortear entre os decifradores que obtenham mais de 50 % de pontos, excluindo os concorrentes ao 1.º prémio.

3.º prémio. Uma obra literária, no valor de 5$00 a 7$00 a sortear entre os decifradores com menos de 50 % de pontos.

PRODUTORES

EM VERSO

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de 10$00 ao autor do melhor logogrifo.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 7$00 a 8$00 ao autor do lologrifo classificado em 2.º lugar.

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de 10$00 ao autor do melhor trabalho, além dos logogrifos.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 7$00 a 8$00 ao autor classificado em segundo lugar, nos mesmos trabalhos.

EM PROSA

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de 10$00 ao autor da melhor produção.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 7$00 a 8$00 ao produtor classificado em segundo lugar.

3.º prémio. Uma obra literária, no valor de 5$00, ao produtor classificado em 3.º lugar.

Tôdas as obras indicadas serão editadas pela Livraria Bertrand e por ela indicadas.

NOVA NOMENCLATURA CHARADÍSTICA

Conforme nos referimos, no número anterior, efectuou-se, no dia 10 do mês último, uma reunião de abalisados charadistas para tratar da reforma da numenclatura de algumas espécies.

Tiveram a gentileza de aceder ao nosso convite os seguintes confrades: *Bisnau*, pela Tertúlia Edípica; *Mirones*, pela Liga Auxiliar da «Charada»; *Matuto*, pelo «Senhor Doutor»; *Jofralo*, pela «Cultura e Recreio»; *Arierepamil*, (delegado de «Poeta das Dúzias») pelo «Sports»; *Dropé*, pelo «Grupo X»; *Zé da Ponte*, (individual); o Director desta Secção, como organizador da reunião e representante dêste «Desporto Mental».

Exposto o tema a discutir e depois de se ter feito uso da palavra, verificou-se que todos os presentes estavam de acôrdo na modificação da nomenclatura existente, à excepção do delegado de «Poeta das Dúzias», que opôs a sua discordância absoluta.

O principal inconveniente que parecia obstar à mudança das denominações era o facto de se recear a confusão, especialmente nos novatos.

Porém, encontrou-se, logo, maneira fácil de remediar êste possível inconveniente, fazendo acompanhar, durante algum tempo, as duas designações: *Antiga* e *Moderna*. Entretanto como, a certa altura da apreciação da tése, um confrade desviasse a atenção do assunto, que se estava tratando, para um outro charadístico, também, mas diferente, resultou faltar o tempo para o completo estudo da questão e por êsse motivo temos de organizar segunda reünião, possivelmente, nos meados do presente mês, para se assentar em bases difinitivas.

A nossa proposta para a nova nomenclatura é a seguinte:

Antigas e novíssimas ou em frase, passam a ter a designação comum, quer em prosa ou verso: — ADITIVAS.

Mefistofélicas: — ENCADEADAS.

Eléctricas: — REVERSIVAS.

Figurados: HIEROGLIFOS SIMPLES, FIGURADOS SIMPLES ou FIGURADOS COMPLETOS.

Pitorescos: — HIEROGLIFOS COMPLEXOS, FIGURADOS OMISSOS ou FIGURADOS INCOMPLETOS.

São estas as principais espécies que merecem o nosso carinho, baptizando-se com nomes apropriados e determinantes, embora muitas outras, necessitassem também novas designações, mas que são pouco usadas.

Aguardamos, pois, um acôrdo difinitivo para começarmos a empregar nesta secção as novas nominações.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

1) *Vamos!* amigo Faria, — 2
Não *ralhes*, com mil macacos, — 2
Haja paz, haja alegria,
Não qu'remos na confraria
Nem tratantes nem *velhacos*.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

2) ENIGMA FIGURADO

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

ECOS DA QUINZENA

Os srs. Presidente da República e Cardial Patriarca, entre alas da «Mocidade Portuguesa» e sob uma chuva de flores dirigem-se para o salão de festas do Liceu D. Filipa de Lencastre, onde se realizou a sessão solene que encorrou a «Semana da Mãe». Durante a cerimónia foram distribuídos prémios de natalidade a famílias numerosas e o sr. ministro da Educação Nacional anunciou novos e importantes apoios à patriótrica obra

A Missão Militar Inglesa com os srs. Presidente da República e embaixador de Inglaterra no Palácio de Belem, onde o almirante Woodhouse e os oficiais sob o seu comando foram apresentar cumprimentos. — *A' direita:* Os dois chefes das missões inglesa e portuguesa despedindo-se a bordo do «Alcântara»

Um aspecto do banquete de despedida no Aviz Hotel aos componentes da missão portuguesa, tendo presidido o sr. almirante Woodhouse que dava a direita ao sr. general Tasso de Miranda Cabral. Trocaram-se amistosos brindes, recordaram-se fases curiosas dos trabalhos realizados, a que presidiu sempre um elevado espírito de camaradagem e defendeu-se entusiàsticamente a aliança luso-britânica

A equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal, que pela sexta vez consecutiva ganhou o campeonato de Lisboa

A QUINZENA DESPORTIVA

As recentes decisões do congresso federativo mudaram profundamente a orgânica regulamentar do futebol português; sintoma natural da evolução do desporto, ao qual a experiência aconselha a necessidade de sucessivos aperfeiçoamentos, mas que neste caso nos deixa perplexos quanto a certeza de tratar-se de medidas que determinem progresso ou melhoria nas condições de vida no popular jôgo da bola.

De quantas alterações os congressistas introduziram nos regulamentos federativos, duas há que assumem excepcional importância e não podem passar em ambiente de silêncio que se preste à interpretação de incondicional aplauso da opinião pública: uma é a que determina taxativamente o direito de prorogação dos contractos dos jogadores pelos clubes a que estão ligados, mesmo contra a vontade daqueles; outra é a transformação do Torneio da Liga em Campeonato Nacional, mantendo-se os antigos preceitos que o regiam.

Contra a primeira pugnou denodadamente, argumentando com os recursos do bom senso e da moralidade, o secretário da F. P. F., sr. capitão Maia de Loureiro, vencido pelo egoismo dos votantes em cujo espírito apenas pesava o desejo de salvaguardar interesses mandatários dos clubes a que todos directa ou indirectamente se encontram ligados, sem ponderar os legítimos direitos da liberdade individual.

A segunda foi já condenada pelo nosso camarada de imprensa Tavares da Silva, e como êle confessamo-nos surprêsos ante a decisão dum organismo constituído pelas associações regionais de todo o país e império, resolvendo chamar campeonato nacional uma competição onde apenas admite a entrada de representantes de Lisboa, Pôrto, Coimbra e Setúbal. Como se os restantes distritos não fizessem parte de Portugal!

Esqueceram os orientadores responsáveis do futebol que na lista dos campeões nacionais figuram, além dos clubes de Lisboa e Pôrto, o algarvio Olhanense e o madeirense Marítimo, ao passo que lá não encontramos rasto dos filiados das outras duas regiões agora previlegiadas; mais pasmoso é ainda êste esquecimento em pessoas incumbidas de representar os interêsses das associações escorraçadas do campeonato e que deram o seu voto a semelhante exclusão! Sucedeu assim, por exemplo, com o Algarve, contradizendo o voto expresso em épocas passadas para que lhe fôsse aberto o acesso à 1.ª Liga.

Estas atitudes explicam-se pela má escolha dos delegados regionais; os representantes da maioria das associações provincianas são pessoas residentes em Lisboa, ligados ao interêsse das colectividades lisboetas e escolhidos por influência de amizades pessoais ou política clubista, de forma que em actos de voto inclinam-se no sentido das conveniências do seu verdadeiro meio e não daquele cuja representação é apenas um pretexto para servir o primeiro.

■

A saída a público dêste número da *Ilustração* coincide com o dealbar de novo ano. Fechou, na existência dos homens, um ciclo periódico e outro se abre para o qual começamos a contar de novo.

Embora ainda recentes, factos dos quais nos separa apenas o curto espaço de semanas, passaram a ser doutro tempo, pertencem ao ano findo e incluem-se indistintamente num conjunto de acontecimentos cuja individualidade se perdeu no conceito das nossas recordações que só os consideram desde hoje englobados no reportório das actividades similares.

A impressão de resumo colhida nesta época transitória relanceando o pensamento pelos elementos que vinte e quatro vezes foram pretexto para estas crónicas desportivas, é semelhante aquela que o viajante recebe ao cabo da jornada volvendo para traz o olhar após longo percurso numa planura invariável: o olhar fixa àquem e àlem pormenores que se confundem na meia tinta geral, mas não encontra um factor de realce que assinale caracterizadamente o panorama observado.

O desporto português em 1938 foi assim, monótono e incaracterístico; os acontecimentos marcantes, aqueles que o interêsse público considerou com maior entusiasmo foram, afinal, apenas os mesmos de todos os anos, a renovação periódica das lutas regulamentares do nosso programa de actividades internas.

Perscrutando os horizontes, sem fixar atenção sôbre êsses pequenos grandes factos obrigatórios, finais de campeonatos, rivalidades clubistas, etc., a memória prende-se em quatro pontos que constituem talvez o único activo a reter no balanço da temporada: a campanha internacional da selecção portuguesa de futebol, o concurso de gimnástica educativa, a Volta a Portugal em bicicleta e a parada gimnástica da Mocidade Portuguesa.

Os feitos dos nossos melhores jogadores da bola, vitoriosos de quantos adversários vieram defrontá-los no território português e defrontando com denodo selecções consagradas em terreno estrangeiro, reverdeceram os fanados loiros de Amsterdão e cercaram de prestígio o nome do desporto lusitano chamando para êle a atenção da crítica europeia. É proeza que marca uma época e cuja influência na evolução da nossa posição internacional pode vir a ser, em futuro próximo, decisiva.

O reaparecimento da Volta a Portugal em bicicleta no calendário de actividades desportivas portuguesas corresponde ao ressurgimento duma modalidade das mais populares; a importância que concedemos ao acontecimento provém sobretudo do facto de haver concluido o periodo de abstenção dos seus organizadores, fundamentado em questões de princípio que abonavam pouco o critério dos altos poderes dirigentes do ciclismo.

O concurso de gimnástica e a parada da Mocidade, associam-se no valor do significado; o êxito técnico e de acolhimento público que coroou ambas as iniciativas são sintomas preciosos do incremento que estão tomando, no meio os sãos princípios da educação física nacional.

■

Terminou o campeonato de Lisboa de futebol e pela sexta vez consecutiva o Sporting Clube de Portugal conserva em seu poder o ambicionado título.

Recorda-nos que há dois anos, quando a seqüência dos factos começava a indicar com maior precisão que os "leões iriam pela quarta vez ganhar a prova regional, um dos mais ilustres críticos da especialidade intitulava uma das suas crónicas de comentário: "A caminho da proeza incrível».

Afinal a "incrível proeza» já se prolongou por mais duas temporadas, anulando tôdas as previsões, excedendo todos os feitos notáveis do passado; nos anais do futebol só encontramos, que se lhe possa comparar, a triplice vitória do Benfica no torneio da Liga.

O campeonato de Lisboa, pelo valor dos seus participantes, pela dureza e dificuldade da competição, não é comparável a qualquer outro compeonato regional. Seis triunfos a fio, em Lisboa, só são na verdade críveis depois de verificados.

Desde a época de 1933-34 até esta que findou há poucos dias, o Sporting, campeão indestronável, jogou 62 encontros de campeonato, venceu 46, empatou 7 e só foi vencido 9 vezes: quatro pelo Benfica, três pelo Carcavelinhos e duas pelo Belenenses. Os seus homens marcaram nas redes adversárias 225 pontos e consentiram nas suas apenas 62.

Durante esta meia dúzia de épocas vitorosas, o clube do Campo Grande utilizou, para efeitos de campeonato regional que são os únicos a que se refere a nosssa estatística, 54 jogadores, dos quais 5 guarda-redes, 8 defezas, 17 médios e 24 avançados; entre todos êstes cinco apenas participaram na totalidade dos torneios sendo portanto os únicos „hexa-campeões; João Jurado, Adolfo Mourão, Rui Araujo, Manuel Soeiro Vasques e Joaquim Serrano.

O jogador que maior número de encontros disputou nos 62 que os seis campeonatos comportaram foi Rui de Araujo, com 57 presenças, seguido por Manuel Soeiro, 53, João Jurado 52 e Adolfo Mourão 51; Joaquim Serrano, o imediato apenas participou em 37 jogos.

O mais eficaz de todos os avançados leoninos tem sido Soeiro, autor de 52 pontos, ou seja quasi um quarto de quantos o Sporting conseguiu em seis anos de prova; vêm depois Pireza com 27, João Cruz com 20 e Mourão com 18, mas entre êstes três marcadores e o detentor do "record» global, intercala-se um outro "recordman», o actual avançado centro Fernando Peyroteo que em 20 jogos distribuidos por dois campeonatos conseguiu introduzir 35 vezes a bola na baliza contrária.

Êstes reünidos elementos estatísticos, que põem em foco a forma insofismável como o clube dos "leões» impôs durante seis épocas a sua superioridade regional, focam simultâneamente o valor efectivo da sua linha avançada, o grande triunfo no seu jôgo dos últimos campeonatos.

O Sporting dispõe de cinco atacantes que podem, sem prejuizo da capacidade da equipa, alinhar na integra no grupo representativo nacional; com tais artilheiros, e um homem tão seguro como Azevedo a defender-lhe as redes, o clube pode permitir-se fraqueza relativa nos restantes elementos da defesa e meia-defesa, onde aliás não existe qualquer jogador cuja classe contraste com a dos companheiros.

SALAZAR CARREIRA.

Os desportos do gêlo e da neve retomaram actividade; os irmãos Pousin, graciosos 15 e 16 anos, antigos campeões austríacos serão êste ano os favoritos alemães nas grandes competições mundiais

O «basket é agora o jôgo preferido pelas desportistas de Lisboa; oferecemos-lhe, para contraste, esta imagem das suas precursoras quando em 1905 começaram em Inglaterra a prática do «netball», antepassado directo do seu desporto favorito

Os filandeses prosseguem metódicamente a sua preparação olímpica; o antigo corredor e campeão mundial Paavo Nurmi, desclassificado por actos de profissionalismo é hoje o treinador dos corredores de fundo e vêmo-lo, à direita, aconselhando o vencedor dos dez quilómetros olímpicos de Berlim, Salminen.

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — D. 9, 2
Ouros — 7, 6, 2
Paus — 2

Espadas — R. Copas — 8, 7, 6 Ouros — R. Paus — A. R.	N O E S	Espadas — D. Copas — A. 10 Ouros — D. 5, 4, 3 Paus — — — —

Espadas — A. 2
Copas — R. V. 3
Ouros — A.
Paus — 3

Trunfo espadas. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 4 *c*, **O** — 5 *c*, **N** — 8 *c*, **E** — 3 *c*.
N » A *c*, **E** — 8 *e*, **S** — 2 *p*, **O** — 10 *c*.
N » R *p*, **E** — 9 *e*, **S** — 2 *e*, **O** — 8 *p*. (a).
N » A *e*, **E** — D *e*, **S** — 2 *o*, **O** — 9 *p*.
N » 3 *e*, **E** — R *e*, **S** — V *p*, e **S** faz as 2 vasas restantes.

(a) Se **E** se balda a V *o*, teremos **N** — R *p*, **E** — V *o*, **S** — A *p*, **O** — 8 *p*.
S — A *o*, 2 *o* e 2 *e* que **N** prende com A *e*, fazendo **O** e **E** apenas o R *e*.

Aritmética chinesa

Os chineses possuem um método engenhoso para contarem por meio dos dedos das mãos, com os quais efectuam tôdas as operaçõs de somar, diminuir, multiplicar e dividir, desde um até cem mil.

Cada dedo da mão esquerda representa nove algarismos, a saber: o dedo auricular ou mínimo, representa as unidades; o anelar, as dezenas; o médio, as centenas, o indicador, os milhares e o polegar, as dezenas de milhares.

Contando as três juntas de cada dedo, desde a palma da mão à ponta do dedo, contam uma, duas, três, das denominações mencionadas.

Quatro, cinco e seis contam-se pela parte posdas juntas do dedo, do mesmo modo.

Sete, oito e nove contam-se sôbre o lado direito das juntas, na direção da palma para a ponta do dedo.

O dedo indicador da mão direita empregam-no como ponteiro para contar. Deste modo indicam 1 2 3 4, tocando a primeira junta do indicador da mão esquerda, depois a segunda do dedo maior pelo lado da palma; em seguida, a terceira do anelar, e por último a junta do mínimo próxima à palma pela parte exterior.

Quem quizer, poderá ensaiar êste método por si mesmo e, praticando-o, conseguirá dentro de pouco tempo, contar fàcilmente por meio da aritmética chinesa.

Velhice invejável

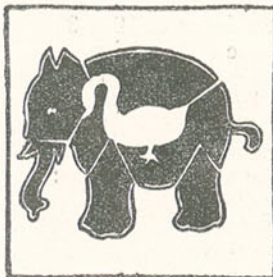
Há poucos jogos — pelo menos daqueles ao ar livre — que possam ser jogados por nonagenários, posto que o tennis, como se sabe pelo exemplo do rei da Suécia, favorece às vezes os octogenários.

O croquet, ùnicamente, é que obedece mais à reflexão dos jogadores do que à sua agilidade física. E há uma senhora inglesa, mrs. Treike, com 94 anos, que ainda toma parte em partidas de croquet, batendo regularmente, parceiros da idade de seus netos.

De resto, mrs. Treike, ainda canta e toca piano; pinta e escreve e propõe-se continuar estas ocupações até fazer cem anos.

Levanta-se cêdo e vai muitas vezes de noite, ao teatro ou a concêrtos. Á volta, sobe desembaraçadamente a escada da sua casa e ainda trepa dois degraus dum banquinho para se meter no seu grande leito de colunas, que tem uma antiguidade de cento e cinqüenta anos.

Quebra-cabeças

(Solução)

Cartas de jogar

Muita gente está convencida, por ter lido isso centenas de vezes, de que as cartas de jogar foram inventadas para distrair Carlos VI de França, nos longos anos que viveu em grande decadência intelectual e funda melancolia; mas tal afirmação não é comprovada e o que é facto é não se saber desde quando elas existem.

Há um baralho no Museu Britânico ao qual se atribue, com verosimil chança, a existência de mais de mil anos; e no século XII já havia cartas de jogar na China e no Japão, com os seus desenhos característicos. Em 1420, tôda a gente jogava cartas, chegando o vício a tal ponto que nos púlpitos os prègadores pronunciavam sermões inflamados contra êle, conseguindo que muita gente entregasse os baralhos que pussuia, para serem queimados na praça pública.

Os alemães foram sempre grandes jogadores de cartas, e os naipes dos seus baralhos eram: *corações* (copas), *sinos, bolotas e fôlhas*. Sabendo-se o menosprêzo em que tinham as mulheres, não é para admirar que êles não usassem damas, mas apenas *cavaleiros* (valetes) e *reis*.

Depois da revolução francesa os reis foram banidos das cartas, e nos lugares dêles passaram a figurar: Molière, La Fontaine, Voltaire e Rousseau. Em vez das rainhas (damas ou sotas), foram representadas: Venus, a Fortuna, Ceres e Minerva.

Também se sabe que na Alemanha, há bastantes anos já, os valetes eram generais alemãis.

O pomar

(Solução)

66 macieiras, 44 pereiras, 12 ameixieiras, 42 cerejeiras e 28 nogueiras.

Ilusão óptica

Olhem fixamente para estes dois cavaleiros e vejam lá em que sentido parece que vão andando os dois cavalos?

Testamento dum excêntrico

(Problema)

Ricardina tinha um padrinho generoso, mas original, que morreu, deixando ao seu testamenteiro, as seguintes instruções:

«A minha afilhada deve casar brevemente. Quando nascer o seu primeiro filho, desejo que se repartam 140.000 escudos entre a mãe e a criança. Se esta fôr um rapaz, dêem-lhe o dôbro do que derem à mãe. Se fôr rapariga, quero que receba metade do que a mãe receber».

Ora, a afilhada deu à luz dois gêmeos, uma rapariga e um rapaz.

Como conseguiu o testamenteiro respeitar e executar as últimas vontades do testador?

Anagramas cinematográficos

(Solução)

1 — Loretta Young.
2 — Joan Crawford.
3 — Clark Gable.
4 — Singer Rogers.
5 — Fred Astaire.
6 — Shirley Temple.

Rapariga moderna (para o mancebo tímido): — *Ora, diga lá, sob a sua palavra de honra... Você já fez alguma vez isto a uma rapariga?*

(Do «The Happy Magazine».)

À VENDA

A 2.ª EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado .... **12$00**
Pelo correio à cobrança .... **13$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.^me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

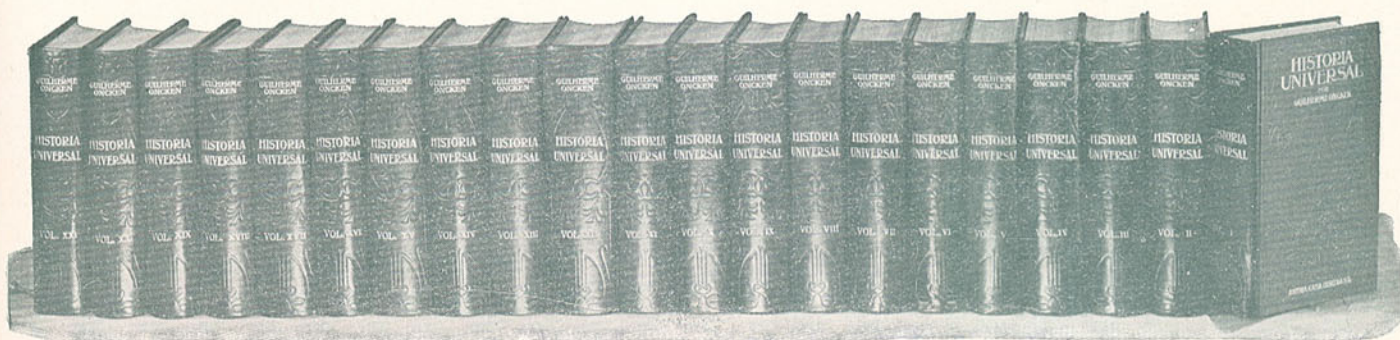
AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA